

REVISTA DA CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

CONGREGAVIT NOS IN UNUM CHRISTI AMOR

Para as Religiosas Enfermeiras

Discurso de Pio XII sôbre o parto sem dor em 8 de Janeiro de 1956. . . . 385

Para o II Congresso dos Religiosos

Comunicações diversas 396

Primeiro Centenário da Festa do S. Coração de Jesus

Pe. Sebastião Maria Martin, SS. CC. 398

Experiencias Catequeticas

Madre Teresa de Cristo Lesier OSU 404

Iniciação nos Votos Religiosos, para as juvenistas

Por uma Religiosa 409

A Pequena Grei do Ven. Pe. Cesar de Bus

Pe. José Valsania, D. C. 416

Sociologia e Missões

Antonio Teles S. V. D. 421

Carta a uma Superiora

Pe. Geraldo Fernandes C. M. F. 427

Leitura Espiritual

Pe. João Evangelista Betting CssR 428

A lei 2.699 em face das organizações religiosas e assistenciais

Dr. Fernando Petronilho Caldas 438

Agentes do Departamento de Estatística da C. R. B.

441

Crônica dos Religiosos

445

Uma Explicação Do Serviço de Procuratórios — Novas

Fundações — Bibliografia — Livros Recebidos 446

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Propriedade da Conferência dos Religiosos do Brasil

Rua Farani N.º 95 — Rio de Janeiro — Brasil

Diretor Responsável: Pe. Irineu Leopoldino de Souza S. D. B.

PARA AS RELIGIOSAS ENFERMEIRAS

Discurso de Pio XII sôbre o parto sem dôr, em 8 de janeiro de 1956 (1)

Recebemos informações sôbre uma nova aquisição da ginecologia, e pediram-nos que tomássemos posição neste assunto, quanto *ao ponto de vista moral e religioso*. Trata-se do parto natural, sem dôr, no qual não se utiliza de nenhum meio artificial, mas onde se põem em ação unicamente as fôrças da mãe.

Rememorando as declarações anteriores

Em nossa alocução aos membros do IV Congresso Internacional dos médicos católicos, a 29 de setembro de 1946 (2), dizíamos que os médicos tinham a missão de diminuir os males e sofrimentos que afligem a humanidade. Falávamos então do cirurgião, que nas intervenções necessárias procura por todos os meios evitar a dôr; do ginecólogo que tenta mitigar as dores do parto, sem pôr em perigo nem a mãe nem o filho, e sem prejudicar os laços de afeição materna que — segundo se afirma — se estreitam neste momento. Esta última observação referia-se a um processo utilizado naquela época, na maternidade de uma grande cidade moderna: para evitar-lhe o sofrimento, provocava-se na mãe uma hipnose profunda; porém constatou-se que isto acarretava uma indiferença afectiva para com o filho. Contudo, outros julgam poder dar a êste fato uma interpretação diversa.

Baseados nesta experiência, cuidou-se de despertar a mãe várias vêzes, por alguns instantes, durante o trabalho; conseguiu-se dêste modo, evitar o que se temia. Constatação análoga foi feita numa narcose prolongada.

(1) A. A. S. a. 1956, pág. 82 ss.

(2) A. A. S., a. 1949, pág. 557 ss.

O novo método de que agora queremos falar, não apresenta este perigo; deixa à parturiente seu pleno conhecimento, do princípio ao fim, o pleno uso de suas forças psíquicas (inteligência, vontade, afetividade); suprime, ou, segundo outros, diminui somente a dor.

Que posição se deve adotar a este respeito, do ponto de vista moral e religioso?

I — RESUMO DO NOVO MÉTODO

1 — Suas relações com a experiência do passado

Em primeiro lugar, o parto sem dor, considerado como fato comum, enquadra-se perfeitamente dentro da experiência humana, tanto de hoje como do passado, mesmo nos tempos mais remotos.

As pesquisas mais recentes mostram que algumas mães dão à luz sem o menor sofrimento, e isto, mesmo sem uso de analgésico ou anestésico. Estas pesquisas também mostram que o grau de intensidade do sofrimento é menor entre os povos primitivos que entre os 'civilizados; se é médio em muitos casos, é grande para a maioria das mães, e mesmo não é raro que seja insuportável. Estas são as observações atuais.

Pode-se afirmar o mesmo dos tempos passados, tanto quanto as fontes históricas permitem controlar este fato. As dores da parturiente eram proverbiais; a elas se fazia referência para exprimir um sofrimento muito intenso e angustiante, e a literatura profana como a religiosa oferece provas disto. Este modo de falar é comum, mesmo nos textos bíblicos do Antigo e do Novo Testamento, sobretudo nos escritos dos profetas. Citaremos aqui alguns exemplos. Isaias compara seu povo à mulher que, ao dar à luz, sofre e grita (3); Jeremias, vendo aproximar-se o dia do juízo, exclama: "Ouço gritos como de uma mulher em parto; gritos de angústia, como os da mulher que dá à luz pela primeira vez» (Ier. 4,31). Na tarde que precede sua morte, o Senhor compara a situação dos Apóstolos àquela da mãe que espera a hora do nascimento: «A mãe que dá à luz sofre, porque sua hora chegou. Mas quando nasce a criança, ela não se lembra mais de sua tribulação, porque se alegra de um homem ter vindo ao mundo» (Io.16,21).

Isto tudo permite afirmar que é um fato aceito pelos homens de outrora e de hoje, que a mãe dá à luz na dor. É a isto que se opõe o novo método.

(3) Cfr. Is. 26, 17.

2 — O novo método considerado em si mesmo

a) Considerações gerais preliminares feitas pelos seus adeptos

Duas considerações gerais, feitas por seus adeptos, guiam e orientam aquêlê que deseja esboçar os fatos principais; a primeira diz respeito à diferença entre a atividade sem dôr e a atividade dolorosa dos órgãos e membros; a outra, à origem da dôr e sua união com a função orgânica.

As funções orgânicas, dizem, quando são normais e feitas como devem ser, não são acompanhadas de sensações dolorosas; estas denotam a presença de qualquer complicação; senão a natureza se contrariaria, pois ela associa a dôr a tal processo em vista de provocar uma reação de defesa e de proteção contra aquilo que lhe seria prejudicial. O nascimento normal é função natural, e deveria por conseguinte dar-se sem dôr. Então, donde é que ela provém?

A sensação da dôr, respondem, é desencadeada e regulada pela parte superficial do cérebro, onde chegam as excitações e os sinais de todo o organismo. O órgão central reage sôbre êles de maneira muito diversa; algumas destas reações (ou reflexos) recebem da natureza um caráter preciso, e são associadas, por ela, a processos determinados (reflexos absolutos); para outros, pelo contrário, a natureza não fixou nem o caráter nem as conexões, mas estas são determinadas por fatores externos (reflexos condicionados).

As sensações de dôr estão no número dos reflexos (absolutos ou condicionados) provenientes da superfície cerebral. A experiência provou que é possível, graças às associações estabelecidas artificialmente, provocar sensações de dôr, mesmo quando a excitação que as provoca é de per si totalmente incapaz.

Nas relações humanas, os reflexos condicionados têm, como agente mais eficaz e mais frequente, a palavra falada e escrita, ou, se quiser, a opinião que reina em certo meio, e que tôda a gente partilha e exprime pela linguagem.

b) Elementos do novo método.

Compreende-se por isso, a origem das sensações dolorosas vivas experimentadas no nascimento: são consideradas, por certos autores, como devidas a reflexos condicionados contrários provocados por complexos ideológicos e afetivos errados.

Os discípulos do russo Pavlov (fisiologistas, psicólogos, ginecólogos) aproveitando as descobertas do mestre sobre os reflexos condicionados, apresentam em substância a questão como segue:

a) fundamento

O parto não foi sempre doloroso, mas tornou-se doloroso no decorrer dos tempos, por causa dos «reflexos condicionados». Estes, talvez, se tenham originado num primeiro parto doloroso; talvez a hereditariedade tenha a sua parte, mas estes fatores são secundários. O motivo principal é a linguagem e a opinião que ela manifesta: o nascimento, fala-se, é «a hora difícil da mãe», é uma tortura imposta pela natureza, que entrega a mãe sem defesa a sofrimentos insuportáveis. Esta associação, criada pelo meio, provoca o temor do nascimento e o medo das dores terríveis que o acompanham. Assim, quando as contrações musculares do útero se fazem sentir no começo do parto, surge a reação de defesa contra a dor; esta dor provoca uma caimbra muscular e esta, por sua vez, um aumento das dores. As dores são pois reais, mas decorrem de uma causa falsamente interpretada. É certo que no nascimento há contrações normais do útero, acompanhadas de sensações orgânicas; porém estas não são interpretadas pelos órgãos centrais por aquilo que de fato são, isto é, simples funções naturais; em virtude dos reflexos condicionais, e especialmente do medo extremo, elas descambam para o domínio das sensações dolorosas.

b) finalidade

Esta seria a gênese das dores puerperais.

Vê-se por aí quais serão a finalidade e o trabalho da obstetrícia indolor. Aplicando os conhecimentos científicos adquiridos, deve primeiramente dissociar as associações existentes entre as sensações normais das contrações do útero e as reações de dor da superfície cerebral. Dêste modo, suprimem-se os reflexos condicionados negativos. Ao mesmo tempo é preciso criar novos reflexos positivos, que substituirão os negativos.

c) aplicação prática.

A aplicação prática consiste em dar às mães (bastante tempo antes do nascimento) uma instrução profunda, adaptada à sua capacidade intelectual, sobre os processos naturais que se desenvolvem nelas durante

a gravidez, e em particular durante o parto. Esses processos naturais elas os conhecem já de algum modo, mas o mais das vezes sem perceber claramente o seu encadeamento. Assim muitas coisas permaneciam ainda envolvidas em obscuridade misteriosa e prestavam-se mesmo a falsas interpretações. Os reflexos condicionados característicos adquiriam assim uma considerável força de ação, enquanto a angústia e o temor aí achavam um alimento constante. Todos êstes elementos negativos seriam eliminados pela supra mencionada instrução.

Ao mesmo tempo dirige à vontade e ao sentimento das mães um apêlo repetido para que não surjam sentimentos de temor não fundados e que lhes foram mostrados como tais; é necessário também rejeitar uma impressão de dôr, que tenderia talvez a manifestar-se, mas que, em todo o caso, não se justifica, mas se baseia, como lhes fôr dito, numa falsa interpretação das sensações orgânicas naturais do útero que se contrai. As mães são particularmente levadas a apreciar a grandeza natural e a dignidade daquilo que desempenham na hora do parto. Deve-se dar-lhes explicações técnicas pormenorizadas a respeito do que devem fazer para assegurar o bom andamento do parto; deve-se ensinar-lhes, por exemplo, como acionar a musculatura, como respirar. Este ensino é administrado em forma de exercícios práticos, para que a técnica lhes seja familiar no momento do parto. Trata-se pois de guiar as mães e colocá-las num estado de não suportar o parto de maneira puramente passiva como um processo fatal, mas de adotar uma atitude ativa, influenciada pela inteligência, pela vontade, pela afetividade, para que tudo se passe como exige a natureza.

No decorrer do trabalho, a mãe não fica entregue a si mesma; é assistida e controlada permanentemente por um pessoal formado segundo as novas técnicas e que lhe lembra o que aprendeu, lhe diz o que deve fazer, o que deve evitar ou modificar e que, eventualmente, corrige os êrros, e a ajuda a retificar as anomalias que se apresentem.

Esta é a essência, segundo os pesquisadores russos, da teoria e da prática do parto sem dôr. Por outro lado, o inglês Grantly Dick Read ensina uma teoria e uma técnica análogas em certos pontos; mas afasta-se substancialmente, quanto aos pressupostos filosóficos e metafísicos, pois não se estriba, como êles, na concepção materialista.

d) extensão e resultado

No que diz respeito à extensão e ao resultado do novo método (cha-

mado método psico-profilático) pretende-se que na Rússia e na China já tenha sido empregado em centenas de milhares de casos. Implantou-se também em diversos países do Ocidente; várias maternidades municipais teriam posto à sua disposição secções particulares. Maternidades organizadas exclusivamente de acôrdo com êstes princípios seriam poucas no Ocidente; entre outras, citamos uma (comunista) na França (Paris); mas na França também existem 'duas instituições católicas, em Jallieu e em Cambrai, que adotaram «in toto» o novo método, sem sacrificar o que tinha dado bons resultados anteriormente.

Quanto ao resultado, afirma-se que é importantíssimo: 85% a 90% dos nascimentos teriam sido realmente indolores.

II — APRECIÇÃO DO NOVO MÉTODO

I — Apreciação científica

Após havermos esboçado o método, passamos à sua apreciação. Na documentação que nos foi remetida, encontra-se esta característica: «Quanto ao pessoal, a primeira exigência indispensável é a fé incondicional no método». Pode-se com base em resultados científicos, exigir uma fé absoluta dêste gênero?

O método contém, sem dúvida, elementos que é necessário admitir como cientificamente estabelecidos; outros têm somente grande probabilidade; outros, pelo menos por enquanto, são de natureza problemática. Está cientificamente estabelecido que existem reflexos condicionados em geral; que determinadas representações ou estados afetivos podem ser associados a certos acontecimentos, e que o caso pode verificar-se também para as sensações da dôr. Mas que esteja provado (ou, pelo menos, que possa ser provado por isso) que as dôres do parto são devidas unicamente a esta causa, não é evidente para todos no momento atual. Juizes sérios formulam reservas sôbre o axioma afirmado quasi «a priori»: «Todos os atos fisiológicos normais, e por conseguinte também o nascimento normal, devem passar-se sem dôr, senão a natureza estaria em contradição».

Não admitem que seja universalmente válido sem exceção, nem que a natureza se contradiria, se tivesse feito do parto um ato intensamente doloroso. Com efeito, dizem êles, seria perfeitamente compreensível, fisiológica e psicológicamente, que a natureza, solícita pela mãe que engendra e pela criança engendrada, faça por êste meio tomar consciência

de maneira inelutável da importância dêste ato e queira forçar a empregar os meios necessários à mãe e ao filho.

Deixemos aos especialistas competentes a verificação científica dêstes dois axiomas, que uns afirmam serem certos e outros, discutíveis; mas é preciso, para decidir sôbre o verdadeiro e o falso, guardar o critério objetivo decisivo; «o caráter científico e o valor de uma descoberta devem ser apreciados exclusivamente segundo a relação com a realidade objetiva». Necessário se torna não desprezar aqui a distinção entre «verdade» e «afirmação» («interpretação», «suposição», «sistematisação») da verdade. Se a natureza fez o parto indolor na realidade dos fatos, se se tornou doloroso depois por causa dos reflexos condicionados, se pode voltar a ser indolor, se tudo isto não é sômente afirmado, interpretado, construído sistemáticamente, mas demonstrado real, segue-se que os resultados científicos são verdadeiros. Se não é, ou pelo menos ainda não é possível obter neste ponto uma certeza plena, é necessário abster-se de qualquer afirmação absoluta, e considerar as conclusões obtidas como «hipóteses» científicas.

Contudo, renunciando por enquanto a emitir um julgamento definitivo sôbre o grau de certeza científica do método psico-profilático, Nós vamos examiná-lo do ponto de vista moral.

2 — Apreciação ética

Este método será moralmente irrepreensível? A resposta, que deve considerar o objeto, o fim e o motivo, enuncia-se brevemente: «Considerado em si mesmo, não contém nada de criticável do ponto de vista moral».

O ensinamento dado sôbre o trabalho da natureza no parto; a correção da falsa interpretação das sensações orgânicas e o convite a emendá-la; a influência exercida para afastar a angústia e o medo infundados; o auxílio dado para que a parturiente colabore oportunamente com a natureza, guarde a calma e o domínio; uma consciência mais profunda da grandeza da maternidade em geral, e em particular da hora em que a mãe dá à luz o filho; tudo isso, são valores positivos aos quais nada há a reprimir, benefícios para a parturiente, e são plenamente conformes à vontade do Criador. Assim considerado e compreendido, o método é uma ascese natural, que preserva a mãe da superficialidade e da levianidade; influencia positivamente sua personalidade para que, na hora tão importante do parto, ela manifeste a firmeza e solidez de seu caráter.

Debaixo de outros aspectos ainda, o método pode levar a resultados morais positivos. Se consegue eliminar as dores e o temor do nascimento, diminui-se muitas vezes pelo mesmo fato o incitamento a praticar atos imorais na utilização dos direitos do casamento. No que diz respeito aos motivos e ao fim dos socorros prestados à parturiente, a ação material, como tal, não comporta nenhuma justificação moral, nem positiva nem negativa; é coisa de quem presta o auxílio.¹ Pode e deve cumprir-se por motivos e em vista de um fim irrepreensíveis, como o interesse apresentado por um fato puramente científico; o sentimento natural e nobre que faz estimar e amar na mãe a pessoa humana, que quer fazer-lhe bem e assisti-la; uma disposição profundamente religiosa e cristã, que se inspira nos ideais do cristianismo vivo. Mas pode acontecer que a assistência busque um fim e obedeça a motivos imorais; neste caso, é a atividade pessoal daquele que presta o auxílio que recebe o prejuízo; o motivo imoral não transforma a assistência boa em coisa má, pelo menos no que concerne à sua estrutura objetiva; e inversamente, uma assistência boa em si não pode justificar um motivo mau ou fornecer a prova de sua bondade.

3 — Apreciação teológica

Falta dizer uma palavra sobre a apreciação teológica e religiosa, naquilo em que se distingue do valor moral no sentido estrito. O novo método é muitas vezes apresentado no contexto de uma filosofia e de uma cultura materialistas e em oposição à Sagrada Escritura e ao Cristianismo.

A ideologia de um pesquisador e de um sábio não é em si uma prova da verdade e do valor do que achou e expôs. O teorema de Pitágoras ou (para ficar no domínio da medicina) as observações de Hipócrates que foram reconhecidas exatas, as descobertas de Pasteur, as leis da hereditariedade de Mendel, não devem a verdade de seu conteúdo às idéias morais e religiosas de seus autores. Elas não são nem «pagãs» porque Pitágoras e Hipócrates eram pagãos, nem cristãs porque Pasteur e Mendel eram cristãos. Estas aquisições científicas são verdadeiras, porque e na medida em que correspondem à realidade objetiva.

Mesmo um pesquisador materialista pode fazer uma descoberta científica real e de valor; mas esta contribuição não constitui de maneira alguma um argumento para suas idéias materialistas.

O mesmo raciocínio vale para a cultura à qual um sábio pertence.

Suas descobertas não são verdadeiras ou falsas segundo êle surgiu de tal ou tal cultura, da qual recebeu a inspiração e que o marcou profundamente.

As leis, a teoria e a técnica do parto natural, sem dôr, são válidas, sem dúvida, mas foram elaboradas por sábios que pela maior parte professam uma ideologia, pertencem a uma cultura materialistas; estas não são verdadeiras, porque os resultados científicos citados o são. E' ainda muito menos exato que os resultados científicos sejam verdadeiros e demonstrados tais, porque seus autores e as culturas de que provieram têm orientação materialista. Os critérios da verdade estão alhures.

O cristão convicto nada acha em suas idéias filosóficas e sua cultura que o impeça de ocupar-se sèriamente, em teoria, e na prática, do método profilático; êle sabe em regra geral que a realidade e a verdade não são idênticas à sua interpretação, aceitação ou sistematização e que, por conseguinte, êle pode ao mesmo tempo aceitar inteiramente uma e rejeitar completamente outra.

4 — O novo método e a Sagrada Escritura

Uma crítica do novo método do ponto de vista teológico deve particularmente referir-se à Sagrada Escritura, pois a propaganda materialista pretende achar uma contradição evidente entre a verdade da ciência e a da Bíblia. No Gênesis (3,16) lê-se: «In dolore paries filios» (Darás à luz na dôr). Para bem compreender esta palavra, é preciso considerar a condenação dada por Deus no conjunto do contexto. Infligindo êste castigo aos nossos primeiros pais e à sua descendência, Deus não queria proibir e não proibiu aos homens procurar e utilizar tôdas as riquezas da criação; de fazer progredir passo a passo a cultura; de tornar a vida dêste mundo mais suportável e mais bela; de aliviar o trabalho e a fadiga, a dôr, a doença e a morte, numa palavra, de submeter a terra a si mesmo (4).

Do mesmo modo, punindo Eva, Deus não quis proibir e não proibiu às mães de utilizar os meios que tornam o parto mais fácil e menos doloroso. Não é preciso procurar saídas para as palavras da Escritura: ficam verdadeiras no sentido pensado e expresso pelo Criador: a maternidade dará muito que sofrer à mãe. De que modo preciso Deus concebeu êste castigo e como o executará? A Escritura não o diz. Alguns pretendem que o parto foi, nas origens, inteiramente indolor e não se tornou

(4) Cfr. Gen. 1, 28.

doloroso senão mais tarde, (talvez devido a uma interpretação errônea do julgamento divino), pelo mecanismo da auto e heterosugestão, das associações arbitrárias, dos reflexos condicionados e por causa do comportamento defeituoso das parturientes: até agora, porém, estas afirmações no seu conjunto não foram provadas. Por outro lado, pode ser verdade que um comportamento incorreto psíquico ou físico das parturientes seja suscetível de aumentar consideravelmente as dificuldades do parto e as tenha aumentado de fato.

A ciência e a técnica podem servir-se das conclusões da psicologia experimental, da fisiologia e da ginecologia (como no método psico-profilático) para eliminar as causas dos êrros e os reflexos condicionados dolorosos e tornar o parto indolor quanto possível: a Escritura não o proíbe.

Considerações finais sôbre a obstetrícia cristã

À guisa de conclusão, acrescentemos alguns reparos sôbre a obstetrícia cristã.

A caridade cristã sempre se ocupou das mães na hora do parto; esforçou-se e ainda hoje se esforça por lhes proporcionar uma assistência eficaz, psíquica e física, de acôrdo com o estado de adiantamento da ciência e da técnica. Isto pode-se aplicar agora às novas aquisições do método psico-profilático na medida em que encontram o apôio de cientistas sérios. A obstetrícia cristã pode integrar em seus princípios e seus métodos tudo o que é correto e justificado.

Todavia, que ela não se contente com isto para as pessoas suscetíveis de receber mais, e que não abandone os valores religiosos de que se servia até agora. Em nossa alocução ao Congresso da Associação italiana das parteiras católicas, a 29 de outubro de 1951 (5), falávamos pormenorizadamente do apostolado, de que as parteiras são capazes e que são chamadas a praticar na sua profissão; entre outros, mencionávamos o apostolado pessoal, isto é, o exercido pela sua própria ciência e arte, pela solidez da fé cristã (6); em seguida, o apostolado da maternidade esforçando-se por lembrar às mães a sua dignidade, seriedade e grandeza. Aqui se aplica o que hoje dissemos, pois assistem a mãe na hora do nascimento. A mãe cristã busca na fé e na vida da graça a luz e a fôrça

(5) AAS, 1951, pág. 835 ss.

(6) l. c. pág. 837.

para pôr em Deus uma confiança completa, sentir-se debaixo da proteção da Providência e também para aceitar de bom grado o que Deus lhe dá para sofrer; seria então para lastimar que a obstetrícia cristã se limitasse a prestar os serviços de ordem puramente natural, psico-profílicos.

Aqui dois pontos merecem ser salientados: o cristianismo não interpreta o sofrimento e a cruz sob o ponto de vista puramente negativo. Se a nova técnica poupa à mãe as dores do parto ou as alivia, ela pode aceitá-la sem escrúpulo de consciência; não está obrigada. Em caso de êxito parcial ou de fracasso, saberá que o sofrimento pode tornar-se fonte de bens se fôr suportado com Deus e por obediência à sua vontade. A vida e a paixão do Senhor, as dores que tantos homens eminentes suportaram e até procuraram, e graças às quais amadureceram e se elevaram até os cumes do heroísmo cristão, os exemplos quotidianos de aceitação resignada da cruz, que temos debaixo dos olhos, tudo isto revela a significação do sofrimento, da aceitação paciente da dor na economia atual da salvação, durante o tempo desta vida terrestre.

Segunda observação. O pensamento e a vida cristãos, e por conseguinte a obstetrícia cristã, não atribuem um valor absoluto aos progressos da ciência e aos requintes da técnica. Pelo contrário, um pensamento e uma concepção da vida de inspiração materialista, acham natural essa posição; isto lhes serve de religião e de sucedâneo da religião. Mesmo aplaudindo às novas descobertas científicas e utilizando-as, o cristão rejeita tôda apoteose materialista da ciência e da cultura. Ele sabe que estas ocupam um lugar na escala objetiva dos valores, mas se não é o último, não é também o primeiro. Mesmo a respeito delas, repete hoje como outrora: «Buscai primeiramente o Reino de Deus, sua justiça» (Mat. 6, 33). O maior e supremo valor do homem não está na ciência com suas capacidades técnicas, porém no amor de Deus e na entrega total a seu serviço. Por estas razões, em face da descoberta científica do parto sem dor, o cristão se abstém de admirá-la sem reservas, e de utilizá-la com uma pressa exagerada; julga-a de modo positivo e refletido, à luz da sã razão natural e à luz ainda mais viva da fé e do amor que emana de Deus e da Cruz de Cristo.

PARA O II CONGRESSO DOS RELIGIOSOS

Comunicações diversas

1. Estão em funcionamento as seguintes Secções Estaduais da C.R.B.: Manaus, Belém, São Luiz do Maranhão, Fortaleza, Natal, João, Pessoa, Recife, Maceió, Aracaju, Salvador, Curitiba, Florianópolis, Pôrto Alegre, Goiania, Campo Grande, com nucleos em Corumbá e Cuiabá.

2. Até 1.º de Junho do corrente ano, já estavam autorizadas a funcionar as seguintes filiais do Serviço de Viagens: Anapólis, Aracaju, Belém, Belo Horizonte, Caceres, Campo Grande, Carolina, Conceição do Araguaia, Corumbá, Crato, Cuiabá, Curitiba, Erechim, Florianópolis, Fortaleza, Goiás, Goiania, Guajará-Mirim, Ilhéus, Itajaí, João Pessoa, Joinville, Maceió, Manaus, Mossoró, Natal, Pôrto Alegre, Pôrto Nacional, Recife, Salvador, Santarém, São Luiz do Maranhão, São Paulo-Liceu Coração de Jesus, São Paulo-Centro, Tubarão, Varginha e Vitória.

3. Devem os Congressistas dirigir-se a estas filiais, para obter suas passagens aéreas. Ser-lhes-ão dados todos os descontos permitidos pelos atuais regulamentos de transportes. Quem reside em lugares onde ainda não há filial, peça a ordem para suas passagens diretamente à C.R.B. — Rio, ou à filial mais próxima.

4. A hospedagem está sendo providenciada ativamente em São Paulo. As deficiências do correio não deixam chegar em tempo, à maioria dos congressistas, as indicações relativas à própria hospedagem. Ninguém

tenha receio por isto. Podem vir todos a São Paulo, para o Congresso, que não faltará lugar, se Deus quiser. Os que vierem de avião, encontrarão no aeropôrto de Congonhas funcionários do Congresso, recepcionistas, que lhes darão todas as indicações. Os que chegarem de onibus ou trem, não encontrando na estação os recepcionistas, telefonem para a sede do Congresso: Liceu Coração de Jesus — 52-2179, 51-3693, e 52-9809; ou então, para o Colégio das Conegas de Sto. Agostinho, 34-1226, e lhes serão dadas tôdas as indicações. Podem ainda dirigir-se à sede da Comissão de hospedagem, telefone 52-8991.

5. As inscrições se fazem na C.R.B. — Rio de Janeiro, ou na sede do Congresso. Os que porventura pediram suas inscrições, e não receberam pelo correio sua ficha, receberão na sede do Congresso.

6. O frio em S. Paulo está intenso. Esperamos que em julho já esteja mais brando. Recomendemos entretanto a todos, sobretudo aos que estão habituados aos calores do norte, que venham providos de agasalhos.

7. O programa do Congresso já está elaborado. Não é entretanto enviado pelo correio aos Congressistas, porque provavelmente chegaria a todas as comunidades depois de terminado o Congresso, por motivo dos grandes atrasos que se estão verificando nos serviços postais. Preferimos então entregá-los pessoalmente aos Congressistas, ao chegarem. Números anteriores de nossa Revista publicaram os temários, tanto gerais como especializados, que não sofreram modificações.

8. Haverá, durante o Congresso, uma reunião especial dos membros das Diretorias de Secções Estaduais que estiverem presentes. Como ainda haverá outra para os encarregados das filiais do Serviço de Viagens, e para os que desejarem instalar este serviço na própria cidade, se por acaso ainda não existe.

9. Aos que devem viajar de avião, prevenimos que reservem com antecedência seus lugares, de ida e de volta. O mês de Julho é habitualmente um mês de tráfego aéreo intenso, e as reservas nem sempre são muito fáceis.

10. S. Eminência Revma. o Senhor Cardeal Valerio Valeri, Prefeito da Sagrada Congregação dos Religiosos, acaba de comunicar que virá presidir os trabalhos do Congresso, devendo chegar a S. Paulo, de avião, no dia 15 de julho.

PRIMEIRO CENTENARIO DA FESTA DO SAGRADO
CORACÃO DE JESUS
1856 — 1956

Pe. Sebastião Maria Martin, SS.CC

IN HOC SIGNO VINCES

Quando no século IV o Imperador Constantino ia bater-se com Maxêncio, com suas forças bem inferiores, eis que no céu, em pleno meio dia, surge um sinal luminoso que lança na mais perplexa admiração o Imperador ainda pagão. Era uma cruz com esta inscrição: «In hoc signo vinces» — Por êste sinal vencerás. Misterioso sinal... Constantino, se bem que admirasse em silêncio o Cristianismo, nada conhecia acêrca da Encarnação, da Redenção. Instruido pelo santo papa Melcíades nos mistérios de nossa santa fé, o Imperador, cheio de ardor e entusiasmo, manda fazer estandarte trazendo a cruz. Ordenou fôsem o sinal sagrado de nossa Redenção e o monograma de Cristo pintados sôbre os escudos de todos os soldados. Confiante no socôrro do Céu, pôe-se em combate e a vitória lhe sorri. Começa então o culto público e exterior da Cruz.

Esta vitória de Constantino não era mais que o presságio do verdadeiro triunfo da Cruz. Havendo o Divino Crucificado vencido a morte morrendo na Cruz, vitórias de todos os gêneros seriam alcançadas por Ela. O amor que incendiava o Coração de Deus lança seus dardos e fere seus filhos queridos. A loucura da Cruz inebria o homem, despertando nêle a sêde do sacrifício. Povoam-se os desertos, desabrocham os lírios da virgindade, legiões de pobres voluntários surgem e as mais excelsas virtudes são praticadas no claustro e no meio do mundo.

Decorrem os séculos... A Igreja vai sentir perpassar um ar glacial querendo regelar seus membros... O homem quer medir o amor infinito de Deus pela mesquinhez de seu egoismo reconcentrado... Não sabe amar, e a ternura de Deus escandaliza seu coração acanhado!...

Surgem então Lutero, Calvino, Jansênio...

Que fará Nosso Senhor? Como renovar e aquecer o mundo?

Se a Cruz já não possue eloquência suficiente para falar de seu Amor, Jesus irá mais adiante e mostrará ao mundo o próprio Amor, — seu adorável Coração...

«A manifestação da suavidade das pulsações do Coração do Salvador está reservada para os tempos modernos, a fim de que o velho mundo

se reanime no fervor do amor divino» — dissera São João Evangelista a Santa Gertrudes numa de suas visões.

Então, de quando data a devoção ao Sagrado Coração de Jesus?

Se bem que a forma atual dêse culto nos venha do século XVII, no entanto, esta devoção não é nova na Igreja. Poder-se-ia crer que a Igreja, durante 700 anos, não pensasse no coração do seu Divino Espôso? O Discípulo privilegiado, depois de haver repousado na Ceia sobre o peito de seu Mestre, depois de sentir o palpitar dêse Coração, sente a necessidade de falar dêle. Silenciando, conforme êle mesmo afirma, muitos milagres do Salvador, narra-nos entretanto a graça especialíssima, mas tôda particular, gozada no Cenáculo. Depois, menciona, emocionado, o golpe da lança no lado de Jesus, citando as palavras do Profeta: «Verão Aquêle a quem transpassaram».

Com Maria Santíssima, São João foi o primeiro adorador do Coração Divino. Com o correr dos anos, multiplicam-se êles. Pelo lado aberto do Senhor, chegam à fornalha ardente da Caridade: o Coração ferido por amor... Entre muitos outros, podemos citar: Santo Agostinho, São Crisóstomo, São Francisco de Assis, São Bernardo, Santo Tomás de Aquino, Beato Suzo, Santa Gertrudes, Santa Matilde, etc. É o alvorecer da devoção... São os primeiros raios a surgir no horizonte... Com a auro-ra resplandesciente deverá crescer até atingir a plenitude do dia, até chegar a seu clímax com as revelações de Paray--Le-Monial a Santa Margarida Maria.

Outrora disse Jesus: «Aprendeí de mim que sou manso e humilde de Coração.» Êle é Deus, é Todo-Poderoso, é a Perfeição Infinita, mas, como que desprezando todos êstes títulos, Êle apresenta-se, como *doce e humilde*. A doçura e a humildade: eis as virtudes mais caras ao Coração Divino. A quem, pois revelará Jesus os tesouros nêle encerrados? Deus tem seus desígnios amorosos. Sigamos rapidamente o plano divino e encontraremos o ninho silencioso, o relicário oculto preparado por Êle próprio para seu Coração adorável.

Em 1610, São Francisco de Sales, auxiliado por Santa Joana de Chantal, fundava, na pequena cidade de Annecy, o seu pequeno Instituto da Visitação, declarando a suas filhas que haviam sido «estabelecidas nestes últimos séculos para serem as imitadoras do Sagrado Coração do Verbo Encarnado, na doçura e humildade, que são como fundamento e a base de sua Ordem. Foi, pois, a Ordem da Visitação, «estabelecida para render uma homenagem contínua a seu Coração adorável por sua vida

escondida e aniquilada», que Jesus escolheu para ser também a sua depositária.

E nesta humilde Visitação, pequenina e oculta, escolhe êle a mais humilde entre suas servas e espôsas fiéis: Margarida Maria.

Realmente, para mostrar melhor o seu poder, a divindade de suas obras, o Deus Forte gosta sempre de servir-se do nada, do que parece menos capaz aos olhos dos homens. Mas, eis chegado o momento... Tudo está preparado...

Três grandes revelações, aprovadas pela Igreja, são a origem da devoção pública ao Sagrado Coração.

A primeira, a 27 de dezembro de 1673, diz-nos que a nova devoção é um esforço maior do 'Coração de Jesus abrazado de amor para com os homens, querendo arrancá-los do abismo da perdição. Conforme narra a santa, nesta aparição foi-lhe concedida a mesma graça que a São João na noite da Ceia. Viu o Sagrado Coração brilhante como o sol, transparente qual cristal. Cercado pela corôa de espinhos, encimado pela Cruz, via-se perfeitamente a chaga recebida. Jesus queixa-se de não mais conter as chamas de sua caridade e pede-lhe que as espalhe, revelando os tesouros preciosos contidos nesse Coração de Amor.

A segunda revelação deu-se em 1674, não sendo conhecida a data certa. Nela Jesus vem buscar consolação. Vem convidar as almas a amarem pelos que não amam, suprirem com suas homenagens o indiferentismo e esquecimento dos homens. Queixa-se de receber em troca de seu amor, sômente ingratidões. Pede-lhes duas coisas: a comunhão das primeiras sextas-feiras de cada mês, para o desagravar e a hora santa na noite de quinta para sexta-feira de cada semana, em expiação dos pecados dos homens e para consolar seu Coração Divino.

A terceira revelação, de tôdas a mais célebre, deu-se entre 13 e 20 de junho de 1675. Foi então que Jesus pediu o estabelecimento na Igreja, de uma festa particular em honra de seu Coração Sagrado. Estudemos as próprias palavras do Salvador e veremos que nelas está contida tôda a essência da nova devoção. «Eis o Coração que tanto ama os homens que a nada se poupa para provar-lhes seu amor até esgotar-se e consumir-se; e em paga só recebo, da maior parte dêles, ingratidões, irreverências, sacrilégios e indiferenças que têm para comigo no Sacramento de meu amor. E o que mais me custa é sofrer isto de corações que me são consagrados». Eis o princípio da devoção — o amor excessivo de Deus para com os homens tentando pôr um dique a tantos males. E Jesus

continua: «Pelo que te peço que a 1.^a sexta-feira depois da Oitava de «Corpus Christi» seja dedicada a uma festa particular em honra do meu Coração comungando neste dia e fazendo-lhe reparação dos desacatos que tem sofrido. E Eu te prometo que meu Coração se dilatará para derramar com abundância os influxos de seu amor sôbre todos que lhe derem esta honra, ou procurarem que outros lha dêem». Eis a finalidade da devoção: prestar a Deus, ultrajado e esquecido, um culto de reparação, desagravo, consolação e amor... O Sagrado Coração deseja ser universalmente conhecido. Já não quer ser amado unicamente por um certo número de almas privilegiadas, de santos contemplativos. Quer que o mundo inteiro O conheça. Mostra-se, manifesta-se aos homens, deseja um culto público. Em recompensa, promete uma nova efusão de amor divino na Igreja, particularmente às almas que se entregarem a Ele e fizerem-no conhecido, propagando a nova devoção. Ó insondável e adorável mistério do amor de um Deus!... Desconhecido, ultrajado, esquecido, vem mendigar a suas míseras criaturas amor, reparação, consôlo, prometendo-lhes ainda, em troca, uma abundante recompensa!... Já não nos bastaria poder amar-Vos, ó Senhor?!...

Mas voltemos a Paray. Eis Santa Margarida encarregada de sua missão... Eis a religiosa, humilde e oculta, que deverá tornar-se a Apóstola e Discípula predileta do Sagrado Coração.

Como acontece em tôdas as obras de Deus, os obstáculos, as dificuldades, multiplicam-se para, uma vez vencidos, provarem eloquentemente que vêm do Céu, são planos divinos. Entre as próprias Irmãs, não encontra facilidade em implantar a nova devoção. Temem alguma ilusão, Nosso Senhor permite que os próprios religiosos sábios e doutos, consultados sôbre o caso sejam' contrários a Margarida. Assim, quando uma vez a Igreja declarar verdadeiras as revelações e permitir o culto ao Coração Divino, poder-se-á sem medo abraçar de todo o coração a nova devoção, certa a sua autenticidade, depois de maduro exame. Mas, Santa Margarida, desaprovada, sofre, luta e não desanima nunca. Jesus havia-lhe prometido: «Eu reinarei, maugrado todos aquêles que se quiserem opor a mim. As palavras divinas, ressoando em sua alma ardente, enchiam-na de confiança, fortaleciam sua coragem.

A 20^a de julho de 1685, tem lugar a primeira festa em honra ao Sagrado Coração, no Noviciado de Paray, do qual Santa Margarida era Mestra. Um ano depois, teve ela a felicidade de ver tôda a Comunidade prostrada, a 21 de junho, diante de uma miniatura do Sagrado Coração, prestando-lhe 'homenagem, amor, reparação.

Mas o culto deve ser público e universal. Jesus assim o pedira. Santa Margarida envia às superiores dos diversos Mosteiros da Visitação folhetos, sobre a devoção ao Sagrado Coração, imagens, cartas que são centelhas a incendiar os corações. Já à Inglaterra outro grande Apóstolo do Sagrado Coração, o Pe. de la Colombière, diretor de Santa Margarida, levara o germen da devoção.

Em 1687, foi dirigida a Roma a primeira súplica para o estabelecimento de uma festa universal em honra do Coração de Jesus.

A Igreja, sempre prudente, submete o assunto a sério exame. Sòmente no mês de Agôsto do ano seguinte chegou a resposta tão ansiosamente esperada por Santa Margarida. A Santa Sé dizia que antes de intervir nesse assunto, seria conveniente começassem os bispos a instituir em suas dioceses o culto público ao Sagrado Coração. Em seguida, Roma examinaria a conveniência de estender a festa à Igreja universal.

Era uma espécie de aprovação que, entretanto, não satisfazia os desejos do coração de Margarida.

Em 1689, o Bispo de Langres estabelece a festa em sua diocese. Inocência XII, em 1693, concede uma indulgência plenária para o dia da festa do Sagrado Coração às Igrejas da Visitação, autorizadas pelo Ordinário à sua celebração. Em 1697, o mesmo Inocência XII autoriza tôdas as Igrejas da Visitação à celebração da festa tão desejada. Em 1765, Clemente XII aprovou a Missa e o Ofício próprios, estabelecendo a festa nas Igrejas onde houvesse a Arquiconfraria Romana do Sagrado Coração e em tôdas que solicitassem à Santa Sé.

Tornavam-se cada vez mais incessantes os pedidos para estender ao mundo inteiro a Festa do Sagrado Coração. Finalmente, a pedido de todos os bispos de França, reunidos em Paris, em 1856, Pio IX estabeleceu a Festa universal do Sagrado Coração de Jesus. Em 1888, Leão XIII elevou-a ao rito duplo de 1.^a classe. Em 1929, Pio XI compôs para a festa a Missa e Ofícios novos e concedeu-lhes a oitava privilegiada de 3.^a ordem.

Celebramos neste ano o 1.^o centenário da festa universal do Sagrado Coração.

Como celebrá-lo? Cumprindo com amor os desejos do Coração de Jesus.

E' notável como foi sempre diante do SSmo. Sacramento que o Sagrado Coração se manifestou a Santa Margarida Maria. A Eucaristia é, pois, o centro, a vida dessa devoção. E' aí que o Coração de Jesus vive

e palpita de amor por nós. Pela Redenção, no cimo do Calvário, foram-nos abertas as portas do Paraíso, mas Jesus, para perpetuar seu sacrifício, instituiu a Sagrada Eucaristia, Sacrifício e Sacramento, donde nos vem tôda a aplicação dos méritos de sua Paixão e Morte. Aí encontramos a manifestação máxima do amor do Coração de Jesus. Segundo Santo Tomás: «A Eucaristia é o Sacramento que exprime melhor a caridade do Coração de Cristo por nós e que mais eficazmente contribui para fazer nascer e crescer em nossos corações o nosso amor por Êle». Jesus em tôdas as suas aparições queixa-se de não ser amado. Êle ficou prisioneiro no Sacrário para conquistar nossos corações. Deixou o Céu em busca de outro céu — o de nossas almas. A comunhão reparadora, eis um presente que consolará o Coração amante do nosso Salvador. Comunguemos o maior número de vêzes possível. Desagravemos com comunhões fervorosas a indiferença de tantos. As Comunhões das nove sextas-feiras, primeiras de cada mês que segundo Êle próprio afirmou a Santa Margarida, na aparição de 13 de outubro de 1687, serão um penhor de salvação. Façamos-Lhe companhia, particularmente nas primeiras quintas-feiras, fazendo nossa Hora Santa. Que cada primeira sexta-feira seja um dia de mais amor, um dia de mais perfeição, um dia todo celeste, vivido em íntima união com o Coração de Jesus. Finalmente, procuremos torná-lo conhecido e amado. Trabalhemos na obra de Entronização. Êle é Rei, deve reinar em todos os lares. Em cada família cristã, o Sagrado Coração deve ocupar o lugar de honra. Levemos a obra de entronização mais adiante ainda e entronizemos o Coração Divino em nossos próprios corações. Esta entronização vivida há de transformar-nos a tal ponto que, à semelhança do grande Apóstolo, poderemos dizer: «Vivo, mas já não eu; é Cristo que vive em mim». E o Coração de Jesus tornar-se-á cada vez mais conhecido, adorado e reverenciado. E nossa vida, assim divinizada pelo viver de Cristo, será um brado incessante aos Céus: «Advéniat regnum tuum».

E que êste ano, primeiro Centenário desta grande festa, seja verdadeiramente o ano do triunfo do Sagrado Coração. Que de dia a dia cresça nosso amor, nossa generosidade, nosso espírito de sacrifício e reparação. Seja êste ano como a alavanca que nos fará subir sempre mais a montanha do amor. A chave de ouro a abrir nossos corações às divinas efusões das graças. E que a súplica de Jesus a Santa Margarida «Tu ao menos dá-me consolação», ressoando em nossos corações, faça-nos compreender que «Amor com amor se paga».

EXPERIENCIAS CATEQUÉTICAS

Madre Teresa de Cristo Lesier,

Diretora do Departamento de Catecismo da C. R. B.

O ensino da religião a cargo dos bispos e párocos constitui uma obrigação da mais alta seriedade. Não devem esquecer os estabelecimentos religiosos que é essa a sua primeira obrigação, pode-se dizer, a obrigação essencial, a razão de ser mesmo das escolas cristãs. Nenhum religioso ou religiosa foi chamado para ensinar matérias profanas, o que qualquer outro professor poderia fazer, talvez melhor que êle, mas para dar Cristo às almas das crianças.

Sabe-se que o fim da escola cristã é proporcionar um ensino integralmente cristão; isso significa que vendo tudo à luz da fé, sabe mostrar as relações, suas falhas entre a Revelação e a ciência profana; mostra que o mistério se encontra em tôdas as ciências e não sòmente nas verdades religiosas. Proporciona um ensino impregnado de verdade evangélica, ensinando à aluna a julgar tudo à luz da fé, fazendo com que esteja em comunhão com todos os homens, seus irmãos. Mas, o ensino das ciências profanas é um meio apenas para atingir êste fim. O meio privilegiado e insubstituível está no ensino religioso. Daí a obrigação de o estimarmos, dando-lhe o primeiro lugar em nossos estabelecimentos.

* * *

Um diretor de estudos, no entanto, considerando o ensino religioso, encontra-se às vezes bastante embaraçado quando deve observar os programas oficiais do ensino profano. Como conciliar ambos? É possível reservar horas para o ensino religioso? Sim, quando há dedicação, experiência e pedagogia dos mestres.

Há escolas, por exemplo, onde se reserva meia hora todos os dias para o catecismo, sem que os alunos se atrazem por isso. A título de sugestão, apresentamos uma experiência de catequese num colégio que dá ao ensino religioso o primeiro lugar no horário. Não pretendemos

propô-lo como modelo, mas o fazemos apenas para suscitar outras experiências, esperando que obtenham ainda melhor êxito.

Eis o horário de formação religiosa e moral deste colégio:

- Por semana — Santa Missa todos os dias às 16h45. — assistência livre
- 1/4 de hora de formação, no início das aulas;
 - 3 aulas de 60 min. divididos em 3 aulas de 1h1/2, 1 hora, e 30m.
 - 1/2 hora para os movimentos de Ação Católica
 - 1/2 hora para as notas.

Confissão possível todos os dias. Experimenta-se, porém, formar as meninas à confissão quinzenal.

* * *

A Santa Missa é a base da formação; depois de experimentar durante o ano do Congresso Eucarístico, chegou-se à conclusão de que não podemos formar verdadeiros cristãos sem a ação diária de Nosso Senhor. Há, então, todos os dias a Missa Vespertina à qual as alunas são livres de assistir ou não. Se não assistem, vão ao estudo, onde trabalham em silêncio. Apenas um dia na semana, uma turma é responsável pela Missa que normalmente tem assistência de tôdas, pois, são alunas que se encarregam dos cantos, escolhem as colegas que deverão ler as partes do Próprio; dizem em voz alta, durante o Canon, as intenções da Missa, dirigem a ação de graças. As menores têm à disposição cânticos falados no sentido da Missa, mais fáceis para elas, mas logo, querem dialogar a Missa com o sacerdote, como fazem as maiores. As comunhões são numerosas, mais de 1.000 por semana, sobre 300 alunas, e vão aumentando sempre mais.

Todos os dias, no início das aulas, um quarto de hora de formação humana e religiosa, que tratará, por exemplo, durante este ano, das riquezas, das relações humanas, das diversões: esportes, leituras, cinemas e outros divertimentos, permitindo tratar, conforme as turmas, dos grandes problemas humanos, por ex., a respeito do trabalho, o dever de estado, a questão social, a consciência profissional, o marxismo, etc., de maneiras diversas naturalmente quando se tratar de curso primário ou de colégio.

Aula doutrinal —

O ensino religioso propriamente dito consta de três horas por semana em tôdas as turmas, mesmo no colegial. Estuda-se por semana um só ponto de doutrina. A primeira sessão é consagrada à sua exposição dou-

trinal. A segunda, à aplicação prática na vida, sob forma de círculo de estudo. A terceira, estuda a aplicação dêste mesmo ponto na liturgia e na Santa Missa. A primeira sessão, assim dividida, trata do que poderíamos chamar a doutrina.

Arguição — no primeiro quarto de hora, argui-se a aluna sôbre a aula da semana anterior, procedendo-se de maneiras diferentes: o professor, por exemplo, argue sete ou oito meninas e estas depois passam a arguir cinco ou seis colegas. A professora pode também pedir às alunas, avisando-as antecipadamente, que a corrijam, por meio de testes. Procedese de maneira que em cada semana tôdas as alunas sejam arguidas.

Canto — Em seguida, um canto, uma oração, a fim de levar as meninas ao recolhimento, dando imediatamente início à palestra sôbre o assunto da semana e, insiste-se, sôbre um ponto apenas.

Palestra — É a mestra que fala, utilizando na palestra, conforme as idades das crianças, histórias, perguntas, gravuras, etc...

A duração da palestra é de 10 ou 20 minutos ou 30 min., conforme as classes. No momento propício — que se chama o ponto culminante — o catequista experimenta pôr as meninas em contato com **Deus**, fazendo com que rezem em silêncio. Em seguida, finaliza a palestra.

Atividades — Depois, um canto ou uma explicação dá início às atividades. De acôrdo com os dias, é as vezes uma **celebração** litúrgica que vai fazer com que assimilem pela oração, pelo corpo, pelo ser inteiro, a doutrina apresentada. Pode ser também uma **oração pensada** no momento ou sômente um Pai Nosso bem meditado, um **salmo** ou outra oração; depois outra oração; depois, **trabalho, desenhos, exercícios** a fim de obrigar a refletir e a assimilar a doutrina. Há sempre perguntas pessoais para relacioná-la com a vida religiosa pessoal da criança. As vezes há também uma **ficha de meditação** ou perguntas tão pessoais, que levam a criança ou a moça a responder sômente com o coração ou num caderno especial que ela guarda apenas para si. O professor indica igualmente a arguição para a próxima semana e um **questionário** para a aplicação do assunto à vida. Nêstes 20 ou 40 minutos a disciplina não é rígida: cada aluna trabalha, procura no Evangelho, pede explicações, pode ajudar uma outra pois o fim de tudo é assimilação. É bom que na classe, as alunas não se ocupem sômente de seu próprio trabalho pelo desejo do primeiro lugar, mas pratiquem o auxílio mútuo, contribuindo assim para desenvolver em si a caridade.

APLICAÇÃO A VIDA

Verificação da assimilação — A segunda aula tem por fim a aplicação da doutrina à vida social e pessoal das crianças. No primeiro quarto de hora, a mestra pode fazer perguntas gerais para verificar a assimilação da primeira aula. Repete a explicação, se necessário; quando a incompreensão no entanto, for apenas de duas ou três meninas, não recomeça, mas toma nota e chama-as à parte a fim de que vençam o obstáculo. Depois, as meninas, em grupo de cinco ou seis, com seu chefe de equipe ou com uma aluna do Normal ou ainda com uma catequista estagiária, examinam como foram fieis à resolução da semana anterior, respondem ao questionário, dizendo o que notaram em torno de si mesmas, formulando-se conclusões em cada grupo: isso pede vinte a trinta minutos, mais ou menos.

Em seguida, uma por grupo, dá a tôdas as conclusões e a resolução de vida que parece se impor. O catequista julga e propõe ao conjunto, seja uma resolução geral, seja uma resolução particular em cada grupo.

Formação de consciência — Faz-se, depois, durante 10 min. mais ou menos, um exame de consciência geral sôbre o mandamento mais em ligação com o assunto. O professor dirige o exame, lembrando a presença de Deus em cada uma e as alunas respondem por si, em segredo. Uma pequena oração de arrependimento, de bom propósito e de pedido a Deus para ser fiel à resolução tomada finaliza a sessão. Geralmente as alunas fazem isso de maneira séria, mas é necessário paciência com turmas completamente novas, pois é preciso muitos dias e até mesmo um mês para chegar a uma oração espontânea, silenciosa, e sobretudo sincera.

Aplicação à Santa Missa

A terceira aula tem fim a aplicação do mesmo assunto à liturgia, à Santa Missa, para que as alunas, uma vez adultas, sejam capazes de continuar, pela Santa Missa e pela mesma liturgia, que normalmente vão ser as únicas fontes de cultura religiosa, a intruir-se ou pelo menos a alimentar-se na fé.

Esta sessão tem por fim, ao mesmo tempo, uma iniciação à Missa, mas não uma iniciação histórica ou material; não começa ao pé do altar para acabar no último Evangelho. A iniciação regular ao Missal e às diferentes partes da Missa se faz na primeira série ginásial; nas outras turmas a iniciação é uma indicação ao sentido da Missa e se adapta às diversas idades de modo que fica sempre algo de novo até o fim dos

estudos. Nesta sessão, rezam-se de preferência salmos ou coleta da missa.

Independentemente disso, o horário completa uma meia hora para as reuniões da Congregação ou dos Movimentos de crianças, Cruzadas, Ação Católica, etc... e meia hora por semana para notas ou exame de consciência coletivo em cada turma.

Não se pode dizer que o processo seja perfeito, mas se pode constatar que as alunas demonstram aproveitamento.

Julgarão talvez alguns que isso não é possível com o horário oficial, uma vez que os estudos não devem ser prejudicados. Têm estas alunas, além do recreio e da Santa Missa, 22 horas e 45 min. por semana, distribuídas do seguinte modo: português, 6 1/2 horas; matemática — 6 1/2 horas; línguas (inglês e francês), 8; história, 2; geografia, 2; ginástica, 2; canto, 2; desenho, 2; latim, 5; trabalhos manuais, 2; religião e formação, 9h 1/4.

Vê-se assim que a formação religiosa ocupa, como deve o primeiro lugar. Trará prejuízo para as outras matérias? Pensar dêsse modo seria falta de Fé. Disse Nosso Senhor: «Procurai primeiro o Reino de Deus e tudo vos ser dado por acréscimo» Mt. VI, 33.

Cuidar em primeiro lugar de Deus e de uma boa formação religiosa; cuidar no entanto, do Reino de Deus supõe também que não se negligencie a formação humana de um aluno. Aliás, não é o número de aulas que importa mas o trabalho pessoal do aluno. Ora, o trabalho do adolescente, diz o médico, não ultrapassa a cinco ou cinco horas e meia por dia. Poucas aulas, então, favorecem o trabalho pessoal do aluno desde que seja dirigido pelo professor. Não negamos que êste método pede um enorme trabalho de preparação aos professores, mas êste esforço é tão interessante, tão formador para o próprio professor que nenhum daqueles que se aplicam a êle, queixa-se; pelo contrário, entusiasma-se por êste trabalho apostólico, é obrigado a meditar e viver o seu ensino antes de lencioná-lo e assim a vida interior pessoal desenvolve-se pelo mesmo fato.

Deus nunca se deixa vencer em generosidade. Se trabalhamos «ad majorem Dei gloriam», o Senhor abençoa o nosso trabalho.

Teremos nós também, a felicidade de ouvir de Nosso Senhor, no juízo final: «Vinde benditos de meu Pai»... porque tive fome e me destes de comer, tive sede e me destes de beber» (Mt. XXV, 34-35). Mas ai de nós se Cristo Nosso Senhor for obrigado a dizer-nos: «Retira-te, tive fome e não me deste de comer».

Religiosos, Religiosas, Catequistas, demos com generosidade às crianças, o pão da palavra de Deus.

INICIAÇÃO NOS VOTOS RELIGIOSOS

Para as juvenistas.

Por uma RELIGIOSA

O tema «Iniciação nos votos religiosos» coloca-nos diante do capital problema de mostrar caminhos, pelos quais se despertará e aprofundará na juventude hodierna, a compreensão dos votos religiosos.

Se quisermos introduzir a **juventude de hoje**, nos votos religiosos, faz-se, mister caracterizar, brevemente, essa juventude e verificar em que circunstâncias e em que ambiente ela se desenvolve.

Visando o nosso tema que devemos, pois, considerar nesta caracterização? Em primeiro lugar indagamos alguns motivos essenciais, que dificultam a entrada no convento:

A mocidade de hoje receia um compromisso indissolúvel. Por que?

1. O homem natural quer ser independente, quer dispor de si mesmo; daí as dificuldades na obediência. Faltando a orientação para o sobrenatural, compreende-se que ninguém quer ser dependente de uma autoridade; ninguém mais quer servir.
2. As moças de hoje, principalmente as da zona urbana, carecem da compreensão do voto de castidade. São educadas, as mais das vezes, desde os mais tenros anos, na satisfação de seus impulsos naturais, seus caprichos, e até extravagâncias, e não aprendem a negar-se a si mesmas, nem sequer nos mínimos desejos. A muitos homens modernos parece impossível a continência.
3. O materialismo dos tempos atuais, alastrado por tôda a parte, envolveu também a nossa mocidade; também ela quer possuir e gozar.
4. A superficialidade e o ativismo, característicos de nossa época,

entretêm as jovens na multiplicidade de distrações, ao ponto de não terem mais o tempo necessário para uma introspecção. (Cfr. Direção das Religiosas, por Zürcher, pag. 273)

Seria, entretanto, errado se parássemos nesta caracterização negativa da nossa mocidade. Há nela também muito de **positivo**, preciosos valores, p. ex., grande franqueza e disposição para agir e, sobretudo, um amor pronunciado à sinceridade e veracidade, uma estima por tudo o que é verdadeiro.

1. A geração nova chama por Cristo, pelo Cristo real, pelo Cristo do Evangelho, que, como Homem-Deus, corporiza em si tóda a cristandade. A mocidade visa, portanto, um ideal elevado.
2. O movimento litúrgico despertou e estimulou o amor ao que é autêntico e original.
3. A par dêsse idealismo experimenta a juventude de hoje também sua insuficiêcia e inconstância no aspirar à perfeição. Nisto há o perigo de desanimá-la e de, na incerteza, desalentá-la.

Estas considerações, se bem que aquí só feitas ligeiramente, são necessárias, para saber a quem podemos e devemos levar à compreensão dos votos religiosos. Em face dêsse estado psicológico nas moças de hoje e das características do tempo, podem ser escolhidos 3 caminhos para a iniciação nos santos votos.

Sinais característicos dos três diferentes caminhos:

O primeiro caminho liga-se ao anelar da jovem donzela a um ideal elevado e nobre, e a seu anseio pelo genuíno e verdadeiro. Partir-se-á, pois, de preferência, de Cristo, como modelo idealizado e mestre, portanto, do Evangelho.

O segundo caminho visa a renovação litúrgica, que dirige o olhar da mocidade à Igreja dos primeiros tempos, e faz irradiar do mistério do batismo a vida nos santos votos, como consequência natural do Cristianismo, sim, como continuação viva do espírito dos mártires dos primeiros séculos. (Cfr. Cartas a um Convento, de P. Lippert, S. J.).

O terceiro caminho resulta da observação que há na inconstância e vacilação no lutar pelo ideal da perfeição, nos tempos de hoje. Por isso mesmo é mister uma ligação mais forte e duradoura pelos santos votos.

O primeiro caminho

1. Procede-se da exortação de Jesus Cristo no Evangelho: «Sêde perfeitos como também vosso Pai celestial é perfeito.» (Mt. 5,48) e da palavra de São Paulo aos Filipenses: «Tende em vós os mesmos sentimentos que teve Cristo Jesus.» (Fil. II,5). Seria então necessário dar a idéia da «Perfeição» e de «Estado de Perfeição» elucidando a explicação com a passagem de São Marcos (X, 17 a 22): O moço rico.

2. Que meios nos indica Jesus para alcançarmos a perfeição?

a) nos seus ensinamentos:

Jesus Cristo ensina-nos uma vida de pobreza, de obediência e de castidade (Conselhos evangélicos), praticando-a êle mesmo durante sua vida mortal e ensinando-a por suas palavras.

Magníficas exortações temos sôbre a santa pobreza em S. Lucas 14,33 e Mateus 19,21. Sôbre a obediência em Lc. 9,23 e 14,24; em Jo 6,38 5,30 6,34 e na carta de São Paulo aos Hebreus, 13, 17. Sôbre a virgindade em Lc. 12,51, em Mt. 19,29 e 19,2.

b) na sua vida:

As passagens do santo Evangelho, acima indicadas, mostram que os conselhos evangélicos se fundamentam nos ensinamentos e na vida de Jesus Cristo. Cristo mesmo foi, pois, o autor da vida conventual. «Desde o princípio, a vida monástica não teve outra finalidade do que a completa realização da vida cristã». Assim se exprime Dom Columba Marmion, OSB. em seu livro: «Cristo, nosso ideal». Um olhar sôbre a sua vida terrena nos mostra clara e indubitavelmente que êle praticou o que ensinou. Nêle achamos a pobreza em grau perfeitíssimo. Foi deitado em presépio estranho; mais tarde não tinha onde colocar a cabeça; morreu pobre e desnudo no madeiro da cruz. Seus inimigos mortais não puderam atacar, sequer de leve, sua pureza ilibada. Êle foi obediente até a morte na cruz.

3. Como cumpriram os cristãos dos primeiros séculos os conselhos evangélicos?

Testemunham os atos dos Apóstolos (At. 2,44-45) a pobreza voluntária, pondo-se os bens em comum. São Paulo escreve aos fiéis sôbre a virgindade na sua 2.^a carta 11,2, no 7,32-33 e 7,38. E, aconselhando a

obediência, São Pedro e São Paulo exortam os fiéis repetidas vezes: I Pd 2,13 e S. Paulo aos Ef. 5,21 aos Fil. 2,8. Na elevada concretização cristã dos conselhos evangélicos, permaneceu a Igreja até o tempo depois dos mártires.

4. Por quem foi conservado o espírito dos conselhos evangélicos após os tempos de decadência no ano de 325 ?

Pelos eremitas. Da vida destes desenvolveu-se a vida monástica. «A história da vida monástica é um dos fenômenos mais originais e comovedores da cultura cristã, sim, também da história da Religião e da Igreja. No fundo, é a própria história da Igreja — vista de dentro — a história da vida interior e das fontes internas, que brotam continuamente na Igreja. A Idade Média via nas ordens monásticas os sinais e degraus do progresso, como êle é possível somente na Igreja Católica. Cada ordem que surge, renova a perene juventude da Igreja. Os religiosos de qualquer observância, também os das Congregações de hoje, que vivem e trabalham no meio das nossas maiores cidades, que aparecem no bulício das nossas ruas, sem dar na vista, todos êles vêm realmente do deserto; de um verdadeiro deserto e de uma solidão interior, que é tão silenciosa como a solidão dos desertos da África, onde principiou a vida dos grandes solitários, que povoaram desde então os claustros da cristandade. Todos êles se preocuparam com a pergunta capital: Que posso fazer eu para meu Deus? Queriam fazer algo de grande no serviço de Deus. Mas, que é grande aos olhos do Altíssimo? O que êle aprecia? Como diferentes respostas a estas perguntas, foram os monjes para o deserto e o deixaram novamente mais tarde, para trabalharem nas cidades modernas.» (Lippert S. J.: Cartas a um Convento.)

Concluindo, podemos dizer que Jesus Cristo não fundou diretamente a vida monástica, mas Êle mostrou ao zelo e ao amor de seus fiéis, caminhos que os levaram para o estado da vida religiosa.

Após termos demonstrado que o próprio Jesus Cristo deu à sua Igreja os ideais da vida monástica, a entrega total a Deus em livre escolha de pobreza, virginal castidade e obediência perfeita, resta responder à pergunta.

5. Por que são os três conselhos evangélicos os meios mais próprios para alcançar a perfeição cristã ?

È de suma importância fazer as postulantes e noviças compreenderem a necessidade dos conselhos evangélicos para o combate da tríplice concupiscência no homem maculado pelo pecado original. O desenvolvimento e o grau de santidade pessoal de cada uma vai ser proporcional à assimilação dessas verdades fundamentais.

6. Como entra o homem, que observa os conselhos evangélicos, no estado religioso ?

Pelo fato de êle fazer dos conselhos evangélicos, pela profissão dos santos votos, uma lei obrigatória. Diz o «Catecismo dos Votos» de Pe Cotel, S. J. :

«A preeminência dos votos religiosos (os três votos de obediência, pobreza e castidade) provém do fato que êles constituem o **Estado Religioso** ou o estado de perfeição. A estabilidade é produzida pela obrigatoriedade dos votos, como a do estado matrimonial é o efeito do contrato nupcial; por isso justamente se chama a profissão religiosa uma união da alma com Jesus Cristo, de quem ela se torna espôsa.»

7. O passo seguinte na iniciação dos votos religiosos ocupa-se da essência e dos efeitos dos votos em geral, e dos três votos religiosos em particular.

È a parte que chama e atualiza tôda a arte didática e educacional da mestra das noviças, visando a realização plena da vocação.

Para elucidar eventuais dúvidas sôbre o conceito hodierno, temos os ensinamentos magistrais de nosso Sto. Padre Pio XII sôbre os votos na atualidade. Advertiu claramente, no Congresso de Religiosos em Roma, durante o Ano Santo, os sacerdotes e religiosos para que se abstenham de abafar ou destruir a voz divina que se faz ouvir no coração das jovens almas, ainda que seja sômente no sentido de desviar uma vocação religiosa para uma associação leiga, moderna, que não conhece votos. «Quem assim proceder — diz o Santo Padre severamente — está «no êrro e conduz ao êrro.» . «Ninguém — continua S. Santidade — deverá jamais reter ou desaconselhar alguém que

deseja entregar e sacrificar-se, por inteiro, a Deus, pelos santos votos, o que acontece, infelizmente, tantas vezes por parte de sacerdotes e leigos.» Sòmente a profissão dos santos votos fundamenta o verdadeiro estado religioso. Há, hoje em dia, associações de leigos, que praticam muitas obras de caridade, mas que desconhecem a profissão religiosa. Apontar essas associações como forma moderna da vida religiosa, é grave erro. O estado da vida religiosa não existe, no verdadeiro sentido da Igreja, sem a profissão dos santos votos.

As Congregações religiosas modernizam-se continuamente, quando procuram, em sempre novas possibilidades, dedicar-se inteiramente ao serviço das almas; quando trabalham, de acôrdo com a época, na orientação cristã e na salvação da humanidade sofredora, como define o axioma: «Para a jovem de hoje, uma religiosa de hoje.» Essa modernização, porém, não consiste no abandono da austeridade e integridade da vida religiosa. Nêsse sentido, as religiosas ficarão sempre fora da moda, assim como não são modernos o Evangelho de Jesus Cristo e de sua Santa Igreja.

Conforme os ensinamentos do Divino Mestre, é a vocação religiosa a mais bela e mais sublime consumação da vida, principalmente da vida feminina. O século atual não a reconhece mais como tal, e procura incutir nas jovens a idéia do casamento, como único ideal, como mais perfeito cumprimento da missão da mulher. É contudo verdade que não se nega à jovem, que ingressa no estado religioso, a felicidade de ser mãe. Ela será mãe no sentido mais elevado, no sentido espiritual; receberá, um dia, de sua numerosa descendência espiritual, o amor e a veneração que muitas vezes não são votados às outras mães.

A jovem professa também sabe que ela deverá partilhar das dores de mãe, das sete dores da Virgem-Mãe, de que ela se torna imagem; dores de despedida, dores de sempre renovado desprendimento, dores, que como uma espada lhe atravessarão a alma, dores de santa expatriação, possuindo, porém, tudo em Cristo e morando sempre na sua casa. Enquanto outros desesperam e desanimam, ela ficará de pé, em fidelidade materna, pois às religiosas, às mães virginais, serão concedidas fôrças e poderes que outras mães não possuirão. E, como Maria recebeu seu Filho morto no colo, assim também o mundo colocará, no regaço da religiosa, seus sofrimentos corporais e espirituais, para que ela os sobrenaturalize e lhes dê um valôr cristão e apostólico.

E se ela permanecer fiel, receberá um dia como Nossa Senhora, a

dupla corôa: a de Virgem e a de Mãe (Cfr. «Ano espiritual» por Pe. Carlos Stindt).

Segundo Caminho

1. Baseando-se no fato de que o sacramento do Batismo é o centro da vida cristã, poder-se-ia também, na introdução na vida dos votos, partir do pensamento: **A vida religiosa é uma vida consciente do Batismo, um morrer e ressuscitar com Cristo.**

Na vida religiosa permanece vivo o entusiasmo pelo Cristo e a imitação de Cristo desde o cristianismo remoto aos tempos dos mártires, dos eremitas e monjes.

2. Sendo a imitação de Cristo, a todo custo, o objetivo e a finalidade, impõe-se a santa obrigação dos votos.
3. Deduz-se daí que a vida dos votos é constante e decidido aspirar à perfeição.
4. O passo seguinte esclarece o conceito: Essência e efeitos dos votos. (Compare as explicações de cada um destes pontos e dos seguintes no primeiro caminho).
5. O assunto dos votos baseia-se nos conselhos evangélicos.
6. Coroa esta iniciação nos votos, o relance de olhos sôbre o Evangelho, isto é, sôbre a vida e a doutrina de Jesus Cristo.

O terceiro Caminho

Os dois primeiros caminhos ligam-se aos requisitos psicológicos da jovem de hoje: primeiro a capacidade de entusiasmo pelo elevado ideal, e depois a disposição que tem em participar do movimento litúrgico.

O ponto de partida para a terceira possibilidade da iniciação na vida religiosa, é agora o lado oposto do acima citado: a jovem de hoje aspira seriamente à perfeição; verificará, contudo, sempre de novo, a sua inconstância e incerteza. Anima-a, porém, o recurso dos laços irrevogáveis dos santos votos para alcançar maior segurança e firmeza.

1. Nesta maneira de iniciação nos santos votos, falar-se-á, logo de começo, sôbre a significação, essência e efeitos dos votos.
2. Poder-se-ia frisar depois a excelência dos votos religiosos como cumprimento dos conselhos evangélicos.
3. Resulta a convicção: A vida religiosa é resolução para um cristianismo radical (integral), baseada no chamamento divino.
4. Olhar a Cristo como o ideal de perfeição constituirá o têrmo da formação.

A «PEQUENA GREI» do Ven. Pe. CESAR DE BUS

Apóstolo do Catecismo

Pe. José Valsania, D.C.

Aos 29 de setembro de 1592 o sacerdote César de Bus, Cônego da Catedral de Avinhão, gentilhomen de Provença, reuniu um grupo de confrades que o ajudavam até então em suas obras de ministério e em particular no ensino do Catecismo ao povo e aos meninos, conformes as recentes disposições do Concílio de Trento. Assim êle concluiu o seu discurso à assembléia: «Estamos para abraçar um Instituto todo apostólico. Não esqueçamos que Jesus pediu aos seus Apóstolos para que fôsem uma só coisa entre si, como êle o é com o Pai. Recordemo-nos de que a Doutrina Cristã, que fazemos profissão de ensinar, nos propõe um só Senhor, uma fé no símbolo, uma esperança na oração dominical, um batismo nos sacramentos, e, no Decálogo, um só mandamento — como disse São Paulo — que é o da caridade, na qual se resumem todos os outros. Para regular tôdas estas unidades, unamo-nos hoje entre nós e com Deus com liames tão fortes que nada seja capaz de os partir nem de os separar «(Vida do Ven. César de Bus, Trad. — Niteroi, Esc. Ind. Dom Bosco, 1953, pg 69)».

Estava assim fundada a Congregação dos Padres da Doutrina Cristã (doutrinários), um dos primeiros Institutos religiosos de moldes modernos.

Em 1599 o Papa Clemente VIII, após pedido do Cardeal Tarugi, arcebispo de Avinhão e legado Pontíficio, aprovava com a Autoridade Apostolica a Congregação dos Padres da Doutrina Cristã.

O Fundador dos Doutrinários, o Ven. César de Bus, nasceu aos 3 de fevereiro de 1544 em Cavallione, cidadezinha a quinze quilômetros de Avinhão, no coração das risonhas colinas da Provença e ainda hoje justamente famosa pelas suas primícias.

César de Bus, rico, inteligente, bonitão, de caráter amabilíssimo,

chegou aos trinta anos empenhado, antes por uns anos nas lutas civis que naqueles decênios avassalavam a França, depois em Paris enfeitando a Corte de Catarina de Médici, enfim na cidade natal passando o tempo nos lazeres que lhe permitia a sua posição de fidalgo.

Mas Deus o chamava e dos conselhos de duas humildes criaturas, analfabetas e ricas de verdadeira sabedoria, Antonieta Reveillade, velha criada da família de Bus, e Luis Coyot, sacristão da matriz de Cavallione, César, Como São Francisco de Assis, abandonou uma vida que, se não era de escândalo e desordens, carecia dos ideais dignos de almas imortais.

Em 1582 o cavalheiro de Provença rezava a primeira Missa e logo começava o apostolado para o qual Deus o chamara: o ensino do Catecismo, forma mais simples e por isso mais difícil.

César de Bus ensinou a Doutrina Crstã nas regiões da Provença e deixou o seu método como uma preciosa herança. Este método, parte mnemônico, parte ativo, divide-se em três graus progressivos: a Doutrina pequena, a Média e a Grande. Esta última é a pregação sacerdotal e em particular a instrução religiosa dos Párcos. A pequena e a média são mais estritamente religiosas e, da repetição das orações do bom cristão, do aprender a fazer direito o Sinal da Cruz, a cantar hinos populares que lembram as verdades de Fé, chega-se a uma explicação mais pormenorizada, interrogando os alunos para ver se entenderam a explicação e se sabem exprimi-la com palavras próprias: do intuitivo ao discursivo em suma.

O Pe. Mário Barbera, S.J., em setembro de 1947, poucas semanas antes de morrer, publicou na revista «Civiltà Cattolica» um estudo fundamental sôbre a figura e o método catequético do Ven. César de Bus, demonstrando como tal método seja aproveitável para todos os tempos, porque praticado por um santo, e baseado sôbre os postulados da mais profunda psicologia.

César de Bus, nos últimos doze anos de vida foi ferido pela cegueira, continuando porém incansavelmente no seu ministério de confessor e catequista. Outras doenças dolorosas fôram se acumulando no seu pobre corpo. O que o atormentou mais foi uma cruz de qualidade moral e teve que suportá-la pelo espaço de vinte e cinco anos, quase até à beira da morte: fôram tentações constantes, ardilosas, contra a pureza; «datus est mihi angelus Satanae...»

Na derradeira doença quis renunciar ao cargo de superior dos Doutrinários, e então o sucessor. Pe. Sizoine, mandou-lhe, em virtude de santa

obediência, que falasse detidamente de sua vida e das graças extraordinárias de que evidentemente fôra enriquecido. Esta foi para o Pe. César uma penitência e bem grande, mas êle obedeceu e na vespera da morte falou ao dedicado enfermeiro da sua correspondência às misericórdias de Deus para com êle.

No dia 15 de Abril de 1607, sábadô santo, quando os sinos silenciosos se preparavam para cantar o triunfo da ressurreição de Jesus, César de Bus era chamado ao prêmio eterno.

Para testemunhar das virtudes do Servo de Deus, basta dizer que em 1621 São Francisco de Sales, rezando Missa sôbre o sepultamento, quis usar os paramentos brancos afirmando: Nós é que precisamos das rezas do Pe. César e não êle das nossas. O Cardial de Berulle, fundador do Oratório da França, e um dos mais apreciados autores de espiritualidade do séc. XVII, sempre teve César de Bus como seu guia espiritual. O Cardeal Richelieu mandou uma lâmpada votiva para que ficasse acesa no sepulcro do Pe. César e muitas vêzes manifestou o seu desejo de escrever a vida dêle, se as ocupações lho permitissem.

O culto público do Fundador dos Padres Doutrinários, justificado pela santidade de sua vida, comprovado por numerosos prodígios, tomou vulto logo depois de sua morte, avaliado pelas autoridades eclesiásticas. até que os Decretos do Papa Urbano VIII, em 1625, determinaram que os Santos venerados por voz do povo e vividos nos últimos cem anos, deviam ser excluidos de qualquer culto público e percorrer o regular processo de canonização. Assim César de Bus teve que «recumbere in novissimo loco...

O seu processo canônico ficou quase que completamente parado por mais de cem anos, até 1747, quando o postulador conseguiu que a causa fosse apresentada em Roma e da Cúria Diocesana passasse à Congregação dos Ritos. Senão o Deponente da causa, o Cardeal de Tencin, veio a falecer, e então o Promotor da Fé, já que a semana santa estava às portas, propôs adiar a discussão até à Ascensão. O Pe. Valentim suplicou o Sumo Pontífice Bento XIV que a causa fôsse discutida no tempo determinado; não só, mas ousadamente pediu ao Papa que substituísse o Deponente, «porque, — disse — só Vossa Santidade estaria em condições de se preparar a tal tarefa no esforço de quatro dias». Isso não era bajulação, porque o Papa Lambertini era e é ainda a máxima autoridade jurídica em matéria de canonização de santos. O Papa, agradavelmente surpreendido por tal audácia refletiu uns instantes, e depois aceita, exigindo sômente que o mais experimentado advogado de Cúria lhe prepare

em resumo os termos da causa que eram contidos em dez grossos volumes in fólío.

Aos 28 de maio, às 7 da manhã, reunia-se a Congregação, tendo um Deponente deveras excepcional: O Vigário de Cristo, que falou por mais de duas horas, com vibrante dialética, respondendo em seguida às objeções. Na votação a introdução da causa do Servo de Deus César de Bus foi aprovada por unanimidade.

O caminho estava aberto, porém não curto nem fácil. Mais, o furacão da revolução francesa e as guerras napoleônicas contribuíram para atrasar os trabalhos. Em fim, graças a Deus, a 8 de Dezembro de 1821 o Papa Pio VII declarava Venerável o Padre César de Bus, garantindo com seu supremo Magistério ter o fundador dos Doutrinários praticado as virtudes em gráu heróico e ser os escritos e os exemplos dele perfeitamente conformes às verdades reveladas e ao ensinamento da Igreja de Cristo.

Em 1837 os Padres Doutrinários, com licença do Cardeal Dupont, seu ex-aluno, transportaram o corpo do Venerável, de Avinhão para a pequena e muito linda igreja de Santa Maria Monticelli, em Roma.

Atualmente está sob o exame da Congregação dos Ritos uma cura obtida recentemente (1949) pela intercessão do Pe. César de Bus. Deus, que já deu a verdadeira glória ao seu Servo, o glorificará sôbre a terra quando na sua infinita Sabedoria e Bondade o julgar mais oportuno. No entanto nós é que devemos rezar e merecer de podermos logo invocar publicamente e obter a proteção de Cesar Bus e ganhar um modelo e um padroeiro para os nossos Cursos de Catecismo, um sustentáculo para as nossas fadigas no ensino religioso.

* * *

A Congregação dos Padres da Doutrina Cristã floresceu e espalhou-se por tôda a França, contando entre os seus membros insignes pregadores, eruditos, educadores. A revolução Francesa esmagou quase por completo o Instituto, deixando-lhe porém um tesouro: dois mártires, os Padres Cláudio Bochot e Eustáquio Felix, beatificado pelo Sumo Pontífice Pio XI aos 3 de setembro de 1926. Antes de aceitar o juramento imposto pelos tribunais do povo, juramento que significava rebeldia à Igreja, êles preferiram morrer, aliás guardar a vida, como diz Jesus. Aos 2 de setembro de 1792 foram jogados dos andares superiores do Seminário de S. Firmin, em Paris. Os corpos caíram sôbre os sabres esbirros e foram se esmagar sôbre as pedras do páteo.

No século passado a Congregação dos Padres Doutrinários, transplan-

tada para a Itália, esteve limitada às regiões do Piemonte, Roma e Nápoles. As leis do Governo Italiano que confiscavam os bens dos Institutos religiosos, a reduziram outra vez à extrema pobreza. Isso não impediu — talvez favoreceu? — que na Congregação nunca faltasse o patrimônio que mais vale: homens de cultura e de virtude. Entre outros, o Pe. Glauda, confessor do Papa Gregório, morto em conceito de santidade; o Pe. Marcos Aurélio, que São Paulo da Cruz chamou para ser mestre de espírito e plasgador dos primeiros Passionistas; o Pe. Boriglioni, autor de um texto de viva fé nos anos convulsos da independência italiana, o Pe. Thomaz Lanza, pregador e autor de vários livros de apologética e instrução religiosa, escritos em forma agradável e ricos da mais pura doutrina religiosa (o Pe. Henrique Rosa, S. J., autor da obra fundamental «Os Jesuitas», recentemente traduzida em língua portuguesa, disse muitas vezes sentir muito para não poder ter consigo o Pe. Lanza na redação da famosa revista «Civiltà Cattolica», de que foi Diretor por muitos anos); o Pe. Giacobbe, também preclaro orador sacro, particularmente para missões, que construiu no começo do século, em Turim, a belíssima igreja em estilo gótico dedicada a Jesus de Nazaré; o Pe. Baylon (1938), expulso da França, inteligência rara, incomparável diretor de espírito e mestre dos noviços.

Os Padres Doutrinários no Brasil são atualmente nove. Sua primeira preocupação é de formar Doutrinários escolhidos entre famílias brasileiras; portanto, chegando há sete anos, eles, com auxílio de generosos, construíram um Seminário em Catanduva (SP), onde educam vinte e cinco jovens aspirantes ao sacerdócio. O Ven. César de Bus há de abençoar este empreendimento, ele que numa visão viu a sua diletta Congregação ser assada na brasa sem perecer, ele que afirmava estar disposto a ser cortado em pedacinhos para que dele saíssem outros tantos santos Doutrinários e Catequistas.



SOCIOLOGIA E MISSÕES

Antônio Teles S.V.D.

Se você fôsse incumbido de tingir de vermelho as fôlhas tôdas de uma floresta, que haveria de fazer primeiro? — Duas saídas se lhe apresentariam: ou passaria anos e anos a tingí-las, fôlha por fôlha, ou, com melhores resultados, misturando drogas, inventaria um processo de purpurizá-las influenciando a seiva dos troncos. Uma vez encontrada a solução química colorizante, em dois tempos estariam as árvores avermelhadas.

Não discutamos as possibilidades botânicas do exemplo. Passemos logo à aplicação.

O mundo infiél é a floresta cujas fôlhas hão-de ser ruborizadas no sangue de Cristo. O missionário é o encarregado da tarefa. Para isso há-de conhecer a estrutura da floresta, pelos estudos da sociologia, e armar-se-á dos apetrechos necessários para o trabalho: assimilando os ensinamentos de Jesus.

Até hoje o processo comum de levar avante a obra de cristianização se ateve à influência individual, fôlha por fôlha. Agora, pelos estudos das reações sociais, vêm-se preparando “soluções” capazes de influir nas massas humanas: pelo tronco às fôlhas.

Que interêsse terá a sociedade para quem se quer dedicar a um serviço puramente espiritual, qual seja o de levar as almas a Deus? Se o indivíduo, se a composição do homem constasse de elementos assencialmente espirituais, não haveria razão de o missionário se interessar por assuntos sociais. Visto, porém, que na ordem em que Deus criou o homem fez com que sua função espiritual repousasse na materialidade, se torna impossível atingir tão sòmente o espírito, em se tratando de relações com o homem integral. O primeiro estágio, por conseguinte, para a espiri-

tualização do homem consiste em predispor sua sensibilidade, adaptar a verdade à modalidade de sua reação ante os fatos da vida. "Batizar, não destruir". (Klemens Brockmüller, S.J. no livro "Christentum des Atomzeitalter") Importa "não destruir" tudo o que se pode coadunar ao sentir cristão. Cristianizar não significa introduzir o "modus vivendi" europeu. E' na verificação destes predicados que entramos no campo social.

Diz Pio XI nos primeiros parágrafos da Encíclica sobre as Missões: "... a Igreja outra razão não tem de sua existência, que a de tornar os homens partícipes da redenção salvadora, por meio da dilatação, por todo o mundo, do reinado de Cristo. Donde se vê que quem, pela graça de Deus, faz as vezes de Jesus, Príncipe dos Pastores, não só não deve contentar-se com defender e conservar a grei do Senhor, já a êle confiada, mas que faltaria com uma de suas mais graves obrigações, não procurasse, com todo o empenho, ganhar e atrair a Cristo as ovelhas ainda separadas". Ora, na situação do momento, conhecer as tendências das massas, é "conditio sine qua non" para quem procura influenciar os indivíduos. Essa necessidade se reveste de caráter obrigatório para os operários evangélicos. Assim se expressa Bento XV falando da formação dos missionários: Aquêle que "não possuir bom provimento de doutrina, sentirá que lhe falta muita assistência para frutificação do Santo Ministério." E, pouco adiante, na mesma *Maximum Illud*: "Para que os alunos do Santuário, aos quais o Senhor assiste, sejam bem formados para as expedições apostólicas, é necessário instruí-los em tôdas as disciplinas de que os missionários têm precisão, sejam sacras, sejam profanas". Tiremos as conclusões das passagens citadas. Se a razão de ser da Igreja é tornar os homens partícipes da redenção salvadora, e , se não é possível levá-los à salvação sem conhecê-los, e se não é possível conhecê-los sem o estudo de suas aspirações e modos de vida: a Sociologia se impõe ao missionário como assunto de primeira ordem. Bento XV, estabelecendo o princípio geral da necessidade de estudos profanos, não particulariza. Nós particularizamos, procurando, no momento atual, situar a Sociologia entre as "disciplinas" indispensáveis às pessoas que pretendem lidar com blocos humanos, máxime em terras de missões.

O trabalho apostólico é espiritual, inteiramente espiritual, não resta dúvida. Erraria quem julgasse diversamente a missão da Igreja. Insistimos, porém, frisando que a atividade missionária é social, e sendo social, está sempre ligada à cultura e à política. O missionário trabalha dentro dos limites de um Estado com indivíduos pertencentes a círculos

culturais bem determinados. Daí a importância de debruçar-se sobre os livros e pesquisar os dados responsáveis pelo ambiente atual do povo em questão.

Aplicando o princípio "*anima humana naturaliter christiana*" não de descobrir-se muitos pontos de aproximação ao cristianismo, muitas migalhas da Verdade espalhadas na religião, na filosofia, nos costumes e tradições da sociedade em foco. Uma adaptação do cristianismo às modalidades sãs de um povo não é abjuração de princípios. A Igreja como organismo vivo, vive nas condições deste mundo. "Impõe-se, pois, particularmente nestes tempos de grandes mudanças na história, a distinção fundamental entre aquilo que na Igreja, vivo Corpo Místico de Jesus Cristo, é divino, permanente, essencial e, portanto, não pode mudar, e aquilo que há de humano, contingente, accidental. São essenciais o Dogma, a Moral e o Culto, que Cristo ensinou, estabeleceu e confiou ao cuidado da Hierarquia, a quem deu os poderes de Magistério, de Jurisdição e de Ordem, e garantiu a sua assistência até a consumação dos séculos. Firmemente fiel e obediente a isso, o apóstolo moderno deve ter o espírito prudentemente aberto a novas possibilidades e conveniências de mudanças ou inovações que a Autoridade da Igreja promova ou aprove." (Bro-téria, Julho de 1955, pág. 9, Problemas de Sociologia Religiosa — Manuel Pinto). A Providência Divina guia a Igreja com desvêlo especial, não duvidamos. Porém, nossa condição humana faz com que muitas vezes procedamos mal, ou menos bem. É o que verificamos no Oriente.

Em julho último, na reunião dos líderes católicos, realizada em Florença, compareceu também o decano da faculdade de filosofia da universidade de Saigon, Dr. Trong Cong Cui. Falando sobre a crise por que estão passando os católicos de sua terra perseguidos pelos comunistas, apontou, como catástrofe maior que a própria perseguição, a falta de adaptação do catolicismo ao sentir do homem amarelo. Afirmou que o modo de pensar europeu e suas normas de religiosidade são incapazes de penetrar no íntimo do asiático. O neófito se vê afastado das grandes tradições dos pensadores asiáticos e de seus guias religiosos. No fim, dirigiu um apêlo veemente aos cristãos da Europa e do mundo livre para que acordassem da atual letargia e dessem mais atenção às necessidades vitais dos povos do Oriente. (Die Furche, julho de 1955).

Causa não só admiração, mas sim, lástima essa oportuna concitação do lente vietnamita. Pois que esse grito parte precisamente do Extremo Oriente, onde o catolicismo foi uma grande realidade, precisamente, por

fugir ao etnocentrismo. Referimo-nos ao glorioso tempo do Pe. Mateus Ricci, S.J.

Grande e genial foi sua obra, porque um dos pontos de maior realce foi, sem dúvida, o problema da adaptação ao ambiente missionário. Não quis êle europeizar os povos do Extremo Oriente, pelo contrário, tinha como postulado inabalável terem os missionários a obrigação de ceder em tudo que é compatível com o dogma e a moral evangélica, isto é, de se tornarem indianos na Índia, chineses na China e japoneses no Japão. Assim na alimentação, vestuário, costumes sociais, enfim em tudo, como já acima referimos, que não afeta nossa moral. "São coisas — dizia êle — que importa considerar muito mais do que se pensa".

Assim logo se adaptou aos hábitos dos bonzos, mudando mesmo o seu próprio nome. Mas após uma experiência de 10 anos, verificou não serem os bonzos vistos com bons olhos pelo literatos; viu-se, então, na contingência de mudar de tática e teve de amoldar-se ao costume local de usar barba comprida e deixar crescer o cabelo.

Assás psicológico foi, sem dúvida, sua idéia de apresentar-se aos chineses como douto ocidental, mas não menosprezando a cultura oriental, pois que se tivesse tido a ingenuidade de se apresentar como superior, considerando-os como ignorantes, êle os teria humilhado e irritado e ver-se-ia repellido por êles.

Aos letrados que, ingênuamente, criam ter o monopólio da ciência, não dizia, mas fazia perceber que algo lhes faltava e que êle talvez lhes pudesse comunicar. E impondo-lhes nas ciências sua superioridade, fê-la sentir também no terreno religioso.

Sua total adaptação, seu método de procurar conquistar os grandes, os influentes, e sua tática de por meio do campo intelectual atingir o campo religioso, possibilitaram-lhe a facilidade de atingir milhões de fôlhas influenciando o tronco.

Nem precisamos ir tão longe. Em nossa própria pátria há exemplos palpáveis.

Talvez será duro dizer que as nossas prelazias, na sua quase totalidade, utilizam-se de métodos que correspondem ao tingir fôlha por fôlha, do nosso exemplo: basta lembrarmos o costume de haver um padre itinerante que visita, com sacrifícios enormes, as choças perdidas no inferno verde da Amazonia. É natural que uma visita anual não obtenha frutos duradouros ou compensadores.

Diferente já é o método que os filhos de D. Bosco adotaram nas suas missões da Amazonia.

O colégio é o centro da missão. Ministram-se as primeiras letras e com isso está aberto o caminho para evangelização. Os alunos saem formados, também religiosamente, e vão influenciar o meio em que vivem.

No início os selvícolas desconfiavam dos missionários, principalmente dos seus remédios, que diziam serem veneno. Hoje em dia, graças à influência dos ex-alunos, mudam sua mentalidade. Assim a pouco e pouco são extirpadas as febres palustres, e os missionários vão captando as simpatias e a confiança do selvícola. É mais um trampolim para atingir seu coração.

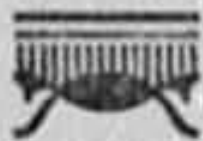
A língua é outro obstáculo penoso.

Após 10 anos de estudos os padres salesianos quiseram editar uma gramática da língua indígena. Notaram, porém, que os índios riam-se quando lhes falavam na sua língua. Só após o estudo eficiente e perseverante do Pe. Alcionilio, S.D.B., que gravava, às escondidas, suas conversas, e as estudava com mais vagar, foi possível verificar que os índios lhes ensinavam uns termos errôneos a fim de terem ocasião de se rir deles mais tarde.

Outro ponto digno de nota para o operário evangélico é a socialização das obras de beneficência. Aos poucos os estados vão tomando sobre si a tarefa de auxiliar os desamparados. Organizações nacionais e internacionais dispendo de enormes fundos substituem as particulares. Dispendem esforços de todo o gênero para elevar o nível social da humanidade socorrendo pobres, enfêrmos, etc., em suma, pelo tronco procuram atingir a árvore. Tais organizações comparadas ao trabalho individual contrastam singularmente. Mais. A fôrça da Igreja se baseia na responsabilidade individual. Hoje a irresponsabilidade é um fato reconhecido por todos. "Nota-se certa irresponsabilidade que vai da leviandade com que se atropelam os transeuntes nos grandes centros urbanos, até o amoralismo dos aproveitadores e negociastas e à sofregidão com que todos defendem os direitos, sem pensar nas obrigações... Dura veritas, sed veritas" (Past. Coletiva 1951, pág. 20). Sinal dos nossos tempos. O homem-máquina. O homem depende da massa. A rapidez dos meios de comunicação faz com que o mundo todo vá vibrando sob as mesmas impressões. A própria cultura tende à unidade. Tudo isto merece atenções de quem tomou sobre si a honrosa obrigação de levar os povos a Cristo.

Nas tendências e aspirações dos povos livres de hoje, percebemos a palavra de Cristo fermentando as massas, percebemos um grande movimento de retôrno ao cristianismo. Há dois mil anos a Igreja vêm atuando como o fermento divino. Não há estranhar, se a onda humana levedada se movimenta em direção da Fonte das Graças. E sòmente através da sociedade sobrenatural, a Igreja Católica, se torna possível à humanidade o êxodo para a Pátria celeste; quando a Família, o Estado e os Organismos Internacionais forem orientados pela doutrina de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Aplicando os resultados da Sociologia, o missionário estará atingindo as fôlhas pelo tronco, pela sociedade os indivíduos. Em se tratando dos meios humanos, cumpre usar da licença que o Apóstolo S. Paulo nos deu quando disse: *Omnia, enim, vestra sunt; vos autem Christi, Christus autem Dei.* (1.^a Cor. 3,23)



LEITURA ESPIRITUAL

P. João Evangelista Betting C.Ss.R.

É conhecido o trinômio medieval, *Lectio-Oratio-Meditatio*, cujo ápice é a *Contemplatio* (*cuius ultimus completivus actus est ipsa contemplatio Veritatis* — II, II. 180,3, 4.).

Mesmo no século 20 ainda não dispomos de outro medicamento espiritual. Nem pode ser questão de “modernizá-la”. E’ só nos servir desta trilogia mística com mais sofreguidão e com técnica mais inteligente.

A primeira destas três graças, a leitura espiritual, atualmente não recebe nem o tempo nem o aprêço que lhe compete, e que séculos anteriores lhe tributavam de boa mente e com plena razão. Ela não é menos importante que suas duas colegas. Urge explorar-lhe a sua eficiência. Ela é capaz de produzir santos a granel.

Escreve W. Faber — provavelmente por própria experiência e êle não é o único a fazê-la — que os principiantes estranham quando o diretor espiritual insiste tanto na leitura espiritual. Estou achando que tôda a nossa atual literatura ascética comete o mesmo êrro e sofre da mesma miopia espiritual. Recomenda-se a meditação como o *non-plus-ultra*, ela que é tão difícil, enquanto que a leitura, pelo menos para principiantes, é da mesma importância, de igual necessidade como a meditação, e é bem mais fácil. Descubro — e com satisfação — que S. Afonso é do mesmo parecer: “*Alla vita spirituale forse non é meno utile la lezione de’ libri che l’orazione*” (Vera Sposa 17,1) (*orazione* = oração mental, meditação, na terminologia alfonsiana). Com mais vigor se expressa S. João Eudes, dizendo: “Êste exercício é da máxima importância e opera na alma

CARTA A UMA SUPERIORA — X

Rema. Madre:

Recebi a sua carta. Compreendo muito bem as suas preocupações e temores. Quem é responsável pela salvação, mesmo que seja de uma só alma, deve estar sempre preocupada com as contas que deve dar a Deus. Mas apesar de tudo, não exagere. Esta minha carta se resume nesse único conselho: Não exagere.

Procure aprimorar o senso de responsabilidade que padece de uma crise terrível em nossos dias, mas, não exagere a sua responsabilidade. Pense com calma e serenidade, diante de Deus, nas suas obrigações e depois proceda com santa liberdade de espírito. Não aumente sem necessidade as suas preocupações que já são muitas.

Exerça uma vigilância maternal cheia de solícitudes pelas suas filhas, mas não exagere. Vigilância de mãe que teme que possa acontecer qualquer coisa de mal às suas filhas, mas, não vigilância de quem parece querer surpreender em falta para repreender e castigar. Vigie mais com o coração do que com os olhos. As mães não precisam ver; adivinham.

Corrija setenta vezes sete as suas filhas, mas não exagere. Corrija só quando fôr necessário. Não demore na correção. Corrija sem se deter no defeito cometido, e mostrando com bondade a felicidade de se proceder bem, de fazer a vontade de Deus, de ser fiel em tudo a Deus. Numa palavra: mostre o lado positivo e não o negativo.

Procure a ordem, o silêncio, a limpeza, a pontualidade, a regularidade, mas não exagere. Não considere o silêncio mais importante do que a caridade; não sacrifique o bem estar em nome da ordem; não exija pontualidade em prejuízo da saúde ou da bondade.

Forme suas filhas na piedade que é a manifestação e ao mesmo tempo alimento do amor, mas não exagere. Não multiplique nem prolongue demais as orações em comum. Não acrescente, pelo menos como regra geral, novas orações às que estão em uso na Congregação. Não obrigue as doentes ou as enfermeiras ou funcionárias a assistirem a atos de piedade que não são obrigação e aos quais nem a Igreja obriga.

Procure que haja grande regularidade exterior, mas, não exagere. Não dê espírito de quartel a essa bela casa das filhas de Deus.

Não exagere nem o bem nem o mal; não exagere suas dores e suas responsabilidades. Procure considerar as coisas sempre sobrenaturalmente, pensar, ver, desejar tudo tal como está diante de Deus. Esse modo de agir lhe dará muita paz e sossego de espírito.

E por hoje só, Rma. Madre. Servo em Cristo.

Pe. Geraldo Fernandes C.M.F.

os mesmos efeitos que a oração mental “(Royaume 2,15)”. Palavras preciosas que seriam suspeitas de heresia, não fossem pronunciadas por um santo canonizado. O mestre espiritual afirma a todos — assim W. Faber — que a leitura é um ponto importante, mesmo para os que moram na clausura de um convento. E para as pessoas do mundo, que não têm nem regra nem clausura nem superior, êle ensina positivamente que êste gôsto pela leitura é, em regra geral, condição indispensável para a perfeição... os principiantes deixem-me dizer isto, que seu mestre entende do seu ofício quando tanto insiste no hábito da leitura (espiritual). “(Conferências 9)”.

Razões.

Quais as razões intrínsecas desta importância da leitura espiritual? Não vou repetir lugares comuns. *Sapientibus loquor*. Faço valer as razões que equiparam em valor leitura e meditação.

1. A leitura cria idéias. Grande é a nossa pobreza espiritual, digo melhor, pobreza mental. *Nil volitum nisi cognitum*, diz a Escola. *Ignoti nulla cupido*, diz o provérbio clássico. Só os pensamentos, só as idéias são combustível propulsor do nosso motor psicológico, mesmo *pro devoto femineo sexu*, apesar de ser êste mais afetivo e menos racional. Ainda umas frases fortes de W. Faber, das suas, das que só êle tem coragem de dizer: “Em regra geral uma pessoa pouco instruída não consegue atingir uma devoção mais elevada” (Conf. 9.). As experiências cotidianas o confirmam. A instrução religioso-ascética, abundante, nutrida, massiça, é indispensável.

2. A Leitura alarga nosso horizonte espiritual. Ela nos instrue, nos orienta, nos faz ver os mil variados caminhos da Graça. Quantas almas de boníssima vontade e tão mesquinamente estreitas e míopes de vista povoam o reino de Deus! Especialmente aquêles que por sua posição são consultados por outras almas, os superiores religiosos de ambos os sexos, devem alargar a sua experiência pessoal pela experiência alheia por meio da leitura; senão irão tratar a todos pelo *mesmo modelo Ford-28*. Os livros espirituais nos introduzem em um novo mundo, mais vasto, mais largo, mais generoso, mais “do tamanho de Deus”.

Faber se revolta mais uma vez contra “aquêles grandes homens com pé de uma polegada e contra tanta gente de bem do mesmo tamanho, que fazem abortar mais de um terço das obras boas começadas na Igreja. E

continua: “A piedade que não é ao mesmo tempo magnânima, é um triste espetáculo. Ela salva a si mesma, sem dúvida, mas... ela tem um talento especial de se meter de atravessado a tudo que se faz pela salvação das outras almas... Se a leitura espiritual conseguir curar um pouco uma das oito doenças da piedade mesquinha, já seria uma grande obra. Ainda mais que todos nós somos bem pequeninos e mesquinhos, ao menos de tempo em tempo, senão por hábito... A leitura suaviza estas misérias humanas. A quantos espíritos estreitos não engrandeceu! A quantos corações fechados, asfixiados, não tem ela aberto ao sol e ao ar das montanhas; os tem transformado em nobres salas de recepção para Nosso Senhor, que antes lá não conseguia entrar” (l.c.).

3. A Leitura espiritual inflama a nossa vontade. Inspira-lhe novas generosidades. Reacende todos os dias o fogo sagrado. E isto principalmente representa o valor da leitura! E por sinal, para todos os graus e alturas da perfeição e santidade. Mesmo as almas santas ainda tiram da leitura um máximo estímulo e impulso, como atesta com gratidão S. Teresa d'Ávila.

4. A Leitura prepara, alimenta, fecunda a nossa meditação. Planta e rega o deserto árido. O que temos lido uma hora ou 24 horas antes na leitura espiritual, talvez ainda mais nos inspira que o 1.º e 2.º ponto da meditação. Os antigos mestres chamavam-na o óleo da lâmpada da oração.

5. Finalmente ela é o grande remédio contra a tibieza espiritual. O melhor remédio que eu conheça. E ousa dizer: infalível. Com mais esta vantagem de ser agradável ao paladar como pílulas açucaradas. Pois ao menos a leitura da vida dos santos diverte, distrai — e com que sabor quando escritas por um Raymond ou um Hünermann — sem perder a sua eficiência. Como linfa subtil se infiltra a Graça através das letras pretas. A cura, perseverando na medicação, é infalível.

Terminamos com as palavras de mestre competente: “A leitura é, em muitas almas, de uma atuação mais decisiva que a meditação. Leva ela vantagem sobre a própria pregação, porque podemos interromper o pregador, fazê-lo falar mais de vagar ou mais depressa, fazê-lo repetir o que nos disse, tudo à vontade.” (Zimmermann SJ 227).

Vantagem também podermos escolher o nosso “pregador”, quero dizer o assunto da leitura, conforme êle melhor nos agrada ou melhor souber nos acudir nas precisões do momento. E assim, desde já, se impõe a primeira conclusão, que se dê mais tempo e mais valor à leitura espiritual em nosso sistema de ascese.

Maravilhas.

Ao menos meia dúzia de santos famosos e mais algumas centenas de santos ignotos devem sua conversão e sua santificação a um livro, à leitura espiritual.

Assim S. Agostinho: "*Tolle, lege! Potuerunt hi, potuerunt illi! Quare non ego?*" se êstes e aquêles aguentaram... porque não eu também?"

Dois cortesãos imperiais da Gália Antiga leram — por puro acaso e pura curiosidade — a vida de santo Antão do deserto e tornaram-se eremitas também — relata S. Agostinho.

Um livro de S. Agostinho (Comentário dos Salmos) converteu S. Fulgêncio, bispo de Ruspe.

Uma sopa queimada, ou seja um almoço atrasado, mais a história da santa penitente Thaís do Egito, converteu o prefeito de Sena (Itália) fazendo dêle um S. João Colombini, e fundador de ordem.

Uma perna quebrada mais a leitura da vida dos santos, nos deu um S. Inácio de Loyola e a sua gloriosa Cia. de Jesus.

Uma princesinha de Viena d'Áustria se enfeitou com donaire e o baile caiu n'água porque choveu; para engulir o desgosto pegou num livro — que azar de frade — vida de S. Teresa d'Avila e... que sorte grande... tornou-se carmelita.

Uma duqueza de Montealto, aborrecida pela demora de uma grande festa de gala, pegou um livro, a mesma enfeitada vida de S. Teresa d'Avila. O fim da história foi que ela mandou o marido para os jesuitas e ela se fez carmelita.

Um general russo, V. Nicolai, leu por acaso um livro do bispo Dupanloup. A leitura casual dum livro religioso arrancou o bem-apesoadado governador militar do fundo do Cáucaso para França onde fez 7 dias de retiro e depois, retiro perpétuo na Cartuxa de Grenoble.

Potuerunt hi... illi... ego?

Intermezzo tragicômico.

A bela Acarie, a primeira dama da França que entrou no Carmelo — mas não antes de seu pobre marido morrer na paz de Deus. Ele, fidalgo, e de grande formato, viciado na política, um tanto fanfarrão, declarava que ainda ia ser célebre por causa da sua santa mulherzinha — e foi de fato a sua única oportunidade de entrar na história. Só quando estava de veneta, se queixava das orações compridas da sua mulher na igreja. Aliás sem razão — pois foi ela que, durante a sua ausência forçada de 4 anos de degredo político, lhe consertou as finanças arruinadas. Bom

marido, fiel, carinhoso, foi o seu Pedro Acarie. Ora, no 6.º ano do seu casamento (ela estava com 22 anos e com 3 filhos), êle surpreende sua esposa mergulhada na leitura do famoso Amadis, mais uma pilha de romances sôbre a criado mudo, emprestados por uma amiga. Pedro não gostava de romances, ao menos para sua Babita. Seguiu-se uma cena de têmpera gauleza. Mas bom príncipe que era, tratou pessoalmente de arranjar distração mais conveniente para sua jovem espôsa. Corre ao seu próprio confessor, um jesuita, e volta carregado de livros de piedade. Assim êle pode estar sossegado e voltar com seus amigos a discutir política.

Madame Acarie leu os livros espirituais por obediência fiél ao marido, por obediência ao confessor e afinal porque sentiu gôsto e prazer. O estoque de livros se renovava. Até que ela encontrou um belo dia, dia da graça, a frase: *avaro demais é a quem Deus não basta*. Foi um raio do céu azul. Os êxtases se sucederam, quasi podia-se dizer, ininterruptos e acabaram numa estigmatização. Indo certa vez à chácara, começou a recitar o terço com sua filha mais velha, mas na 2.ª Ave-Maria já estava fóra de si. Os de casa se habituaram com isto. Os de fóra, não sempre. Certo domingo, foi assistir a missa paroquial recolhida na capela lateral dos Acarie. A missa festiva passa, as horas passam, é meio-dia, chega a tarde e nada de ela reaparecer em casa. Ao cair da noite foram à sua procura, encontrando-a enfim, “como morta” na sua capela. Acordando perguntou se a missa já havia acabado. Pudera.

Ninguém, nem ela mesma, entenderam estes estados. Parecia ser doença. Os médicos, vendo-a sempre de rosto vermelho, corado, trataram-na com inúmeras sangrias. E Madame Acarie, apesar destes “maus tratos”, a tornar-se só “mais gorda e mais corada”. Alguns anos (!) depois, o místico frei Bento de Canfield esclareceu a situação angustiosa. Dom Pedro Acarie incontinentemente correu ao seu confessor jesuita para autenticar a sentença do capuchinho. Feito isso, arvorou-se como que em diretor espiritual da sua mística esposa. Arranjou outra seleção de livros espirituais, mais indicados para os estados místicos, e mandou traduzir — só para uso da sua Babita — o livro das Revelações de Santa Angela de Foligno que parecia corresponder melhor ao caso.

Mas agora, a aluna espiritual de outrora já não sabia mais tirar proveito das letras. Mal lia um linha, já estava fóra de si, perdida em Deus. Só ouvia a leitura da sua filha, quando às vêzes “precisava” distrair-se “de” Deus.

Que histórias arrevesadas! E tudo começou com um livro.

Monjes e Monjas.

Ainda o exemplo dos nossos antepassados. “Nada quasi recomendam os antigos mestres com mais frequência do que a *“Lectio Divina”*, escreve Hertling SJ. (1). Desde S. Pacômio, tôdas as regras monásticas exigem que todos os monjes e tôdas as freiras saibam lêr. “Quem pretende ao nome de monje, não deve ignorar as letras. Tem de saber até de cor todos os salmos”, diz S. Ferreolo, *Regula, caput 11.* (2).

E duas horas de *lectio spiritualis* são a razão mínima por dia: “Durante o ano todo, aplicar-se-ão por duas horas cada dia à meditação espiritual” estabelece a *Regula Tannatensis caput nonum.* (3).

Em geral logo de manhã: *a mane usque ad tertiam.* S. Bento porém segue o horário de verão: no verão, “*a hora quarta usque ad horam quasi sextam* se ocuparão com a leitura”; no inverno porém “*a mane usque ad tertiam*” — portanto, três horas! Na quaresma, a quota é reforçada e se faz uma distribuição solene dos códigos. cada um ganha seu pergaminho manuscrito da mão do abade. Prevê-se o caso — e parece com prazer — que o monje renuncie à sesta meridiana, dedicando o tempo à lectio, seja na cela seja na igreja; mas leia êle então sem estorvar os outros... i. é, em voz baixa (4).

S. Ferreolo abade aperta ainda mais: três horas de leitura pelo ano inteiro. (5)

S. Cesário de Arles prescreve para seus monjes recitação da Prima logo após as Laudes, e em seguida leitura até *ad horam tertiam* (9 horas). (6). Para as monjas, para o sexo piedoso, êle é mais brando, reduz o tempo (ignoramos por que razões) a duas horas sòmente. (7)

(1) *Lectio divina nihil fere ab antiquis frequentius commendatur.* n 264.

(2) *Omnis qui nomen vult monachi vindicare, litteras ei ignorare non licet. Quin etiam psalmos totos memoriter teneat* ML 66,968.

(3) *Omni tempore, duabus horis in die, spirituali meditationi vacabunt.* ML 66,981.

(4) *Sibi sic legat, ut alium non inquietet.* Caput 48. ML 66,703.

(5) *Et usque ad horam diei tertiam in omni tempore lectioni monachus, tam senior quam extremus, vacare procuret.* ML 66,968.

(6) *Post completas matutinas statim dicitur prima et deinde usque ad horam tertiam omnes lectioni vacent.* c.28. ML 67,1109.

(7) *Regula 17: “Omni tempore duabus horis, hoc est a mane usque ad horam secundam lectioni vacent.* ML 67,1109.

O cumprimento da *lectio* se inculca com insistência. “Para estimular a preguiça de alguns, aos quais a leitura divina causa fastío, fica resolvido que a nenhum monje, esteja êle no mosteiro ou fóra encarregado de algum serviço — que a nenhum, nem por um dia sequer se deixe ficar isento da *Lectio Divina*. Regra de S. Bento c. 19. (8).

Para reforçar o combate à preguiça humana, S. Bento encarrega um ou dois “seniores” de fiscalizar os “leitores”, cela por cela. Nome engraçado que êles ganharam: circatores. “Sejam determinados um ou dois mais idosos que passem pelo mosteiro nas horas em que os irmãos fazem a leitura e observem se encontrem talvez um irmão túbio que se entrega ao ócio ou à prosa e não seja atento à leitura.” (9).

A leitura foi individual, para se tirar maior proveito. Abade Estevão III de Cister reprova o “comunismo leitoral”, insistindo: “singuli in singulis libris”. E se o monje puxar sôbre a cabeça tonsurada o capucho por causa do frio ou do recolhimento, seja assim que se possa verificar que não dorme (10).

Leitores e Leitoras.

A leitura espiritual deve ser um ato de piedade, um ato de devoção.

1. Começa e termina com uma breve oração. *Loquere, Domine, quia audit servus tuus*. 1 Sam 3,10.

2. A leitura se faz com espírito de fé. Não por curiosidade, não por literatura, não por estudo teológico (isto se faz em outra hora) mas para progredir no amor de Deus.

3. Com atenção. Não se borboleteia de livro em livro! A não ser que o livro nada mais nos diga... ou ainda não condiz com o nosso estágio espiritual.

(8) Propter pigras mentes quorumpiam excitandas, quibus saepe generat lectio divina fastidium, omnino placuit ut unusquisque monachus sive intra monasterium sive foris aliquid operis faciat, a lectione divina NE UNA quidem DIE se patiat transire jejunum. ML 66,966.

(9) Deputentur unus aut duo seniores qui circumeant monasterium horis quibus vacant fratres lectioni et videant ne forte inveniatur frater acediosus qui vacet otio aut fabulis (= confabulações, prosa; não leitura das fábulas de Ovídio) et non sit intentus lectioni, (l. c.).

(10) Taliter habeat se ut possit perpendi si dormiat. ML 166,1446. Ainda uma nota pitoresca da mesma fonte: Omni tempore lectionis possunt esse in nocturnalibus; portanto não se exigia uso do “uniforme”.

4. Com vagar. Aos poucos. Aos goles pequenos. Não tudo de uma vez. Não uma chuva massiça que inunda tudo e passa, mas uma garoa fina e persistente que penetra (Mutz).

5. Com perseverança. Regularmente. Dia por dia. E por um bom espaço de tempo: 30 minutos e mais.

6. Com pausas. Refletindo. Meditando. “Como os passarinhos bebem”, dizem os antigos, ou “ruminando”. S. Afonso: “*bisogna masticare e ben ponderare*” (Vera Sposa 17,12). E principalmente: “A oração interrompa a leitura” diz Guilherme de St. Thierry (11). “Se recebermos uma luz especial durante a leitura, ao deparar-se um belo pensamento ou uma ação virtuosa que comova o nosso coração, devemos parar um pouco para elevar a nossa alma a Deus... É bom então, deixar a leitura e intercalar a oração e ficar na oração enquanto durar o vivo sentimento que nos comoveu... Não importa que entretanto se escoar e passa o tempo da leitura, porque assim aquela hora vem a ser aproveitada com maior vantagem da alma. Talvez aconteça que a leitura de um só versículo nos inspira mais que se lêssemos todo um alfarrábio in-fólio”. S. Afonso l.c.

A leitura tornar-se-á assim pouco a pouco, uma meditação. Leitura e meditação se fundem, se unem e se absorvem numa simbiose total.

7. Tomar notas. Mas com parcimônia. O livro já está impresso e à venda! Melhor será notar somente num papel a página. Assim pode-se depois reler o livro “em excerpto” — que ótimo livro de meditação uma tal “antologia” das mais belas frases...

8. Repetir no dia seguinte as frases que mais impressionaram. Talvez o caro leitor enrosque assim no primeiro capítulo de S. Lucas por três meses sem dar um passo pra frente — mas subindo na vertical.

9. Mais uma vez: com pausas!

O livro de texto.

Deve ser obra de valor. Não o que nos cai nos dedos por obra do acaso ou só recomendado pela curiosidade (Zimmermann).

Algo de sólido. Um livro bem escrito. Livro que instrua de verdade. Livro que comova, que impressione, e com vigor.

Um livro de conteúdo sólido, teológico, que não seja só beletrística espiritual, que não seja só “ascese de água doce”, fazendo reclame por

(11) Oratio lectionem interrumpat. Epistola ad fratres de Monte Dei 10,31 ML 184,328.

alguma nova devoçãozinha, apregoada como o centro vital do cristianismo." — Algo assim como sua Grandeza Margarida d'Arbouze da Real Abadia de N. Senhora do Val-de-Grace, 1580-1626, que dirigia a reforma espiritual do seu convento com a Summa Teológica de S. Tomás; preparava as meditações do Advento e da Quaresma pela Pars Tertia; com sumo agrado e proveito de suas ouvintes. E as senhoras damas, suas filhas espirituais, não eram *bas-bleu*. Nossos respeitos, senhora Abadessa!

Um livro enfim, que tem coragem de ser exigente conosco. Que não fale só do meigo Nazareno. Mas também dos chicotes em suas mãos e da cruz de cada dia.

Em concreto:

1. Em primeiro plano: a sagrada Escritura. Principalmente o Novo Testamento. Preferencialmente os santos Evangelhos, por terem a palavra direta de Jesus.

No entanto, para principiantes, a Bíblia não é sempre de fácil compreensão; porque o novato não é capaz de tirar com toda segurança todas as aplicações práticas para a sua própria vida. S. Teresinha no ápice da sua perfeição, abandonou todos os livros humanos, vivendo só da leitura exclusiva dos evangelhos.

2. Em segundo lugar se recomendam os livros ascéticos. São o depósito rico e exuberante do pensamento e da experiência de 20 séculos cristãos. Preferência para a qualidade e de acordo com as necessidades individuais.

3. Principiantes não deixem de ler, de início e de vez em quando de permeio, algum livro sistemático, para obter uma visão geral da espiritualidade, saber manobrar o painel de instrumentos; coordenar e subordinar os múltiplos e variados recursos e técnicas espirituais da perfeição. Que não se descuidem eles desta orientação "teológica" sob pena de se *bagatelistar* em coisinhas e coisicas de somenos importância.

4. Recomendação especial da hagiografia. Por ser amena e agradável, não é menor sua eficiência sobrenatural. S. Teresa d'Avila, planando nas alturas místicas, confessa com visível gratidão, dever à hagiografia fortes impulsos e progressos. "Aí está a vida. Aí vemos realizadas as teorias e doutrinas. Fatos desfazem as objeções de nossa tibieza ou covardia" (Zimmermann 3,1).

Nosso Ramalhete Espiritual.

As conclusões práticas, as teses finais: *Ceterum censeo...*

1. Dedicar maior amor e mais tempo à leitura espiritual. Mais tempo, muito, muito mais!

2. Leitura individual. Nada de leitura em comum.

Porque todos nós sabemos da luta tremenda, senão impossível, contra o sono, após um dia carregado de trabalho.

Porque o mesmo livro não pode ser apropriado para todos. *Stella a stella differt*. Diversos os graus de cultura, de espiritualidade, de mentalidade. O “homem coletivo” é um ser herético.

Porque o mesmo pregador pode prender a atenção de muitos por ser viva a sua voz; leitura porém é monotonia.

Pior ainda fazendo leves trabalhos manuais durante a leitura — combate o sono, “ganha-se tempo” — assim dizemos — e perde-se 80% da leitura. Porque não fazemos trabalho de agulha também durante a meditação?

Querendo ter contrôle, faça-se a leitura por todos em o mesmo lugar, sala comum ou melhor até na capela.

Mas cada qual com seu próprio livro. Os livros de hoje não ultrapassam as nossas finanças. Foi essa também a praxe da vida monástica medieval, quando os livros eram objeto de luxo — tinham de ser copiados a mão penosamente — e todavia era lei: “*singuli in singulis libris*”, cada um com seu livro na mão.

3. Bibliotecas mais ricas. Havendo procura, as Editoras e as *Tra-ditoras* nos servirão melhor.

4. Liberdade do espírito! Use, quanto a assunto ou método, da mais ampla liberdade do espírito!

Os mosteiros eram antigamente o lar da santidade. O monje medieval se santificou em suas duas horas de leitura espiritual diária. Ao monje moderno só restou a meia hora. *Videat sibi*, como possa arranjar algum “acrécimo”.



A LEI 2.699 EM FACE DAS ORGANIZAÇÕES RELIGIOSAS E ASSISTENCIAIS

A lei 2.699 de 28 de Dezembro de 1955, foi a última que retificou e ratificou a lei 1.300 que desde sua publicação, em 28 de Dezembro de 1950, já foi prorrogada pela lei 1.708 de 23 de Outubro de 1952, e pela lei 2.328 de 31 de Dezembro de 1954.

Ora, as prorrogações anteriores, nada trouxeram de novo no campo das relações «ex-locato», entretanto, a lei 2.699, da qual tratamos neste artigo, veio trazer fundamental modificação na lei 1.300, no tocante às pessoas jurídicas de fins assistenciais, que se ocupam da educação, da proteção à infância pobre, do amparo à velhice necessitada, do socorro à invalidez, ou da assistência hospitalar.

Para melhor apreensão do texto legal, passo a transcrevê-lo:

ART. 7.º DA LEI 2.699 DE 28-12-55

Art. 7.º: — «Ficam livres de tôdas as restrições estabelecidas ou revogadas pela presente lei as locações de imóveis em que sejam locadoras as pessoas jurídicas, instituídas para fins filantrópicos, que se ocupem da educação, da proteção à infância pobre, do amparo à velhice necessitada, do socorro à invalidez ou assistência hospitalar».

§ ÚNICO: — «Para gozar dos favores dêste artigo a instituição locadora deve ter ou incluir nos seus estatutos ou atos constitutivos disposições por cuja força:

a) — a totalidade da renda ou receita oriundas de quaisquer fontes, inclusive a locação de imóveis, se aplique exclusivamente às suas obras de filantropia ou conservação e constituição do patrimônio;

b) — não tenha qualquer objetivo de lucro em favor de seus associados;

c) — não remunere ou preste benefícios aos seus administradores em razão dos cargos que exerçam.

Isto posto, chegamos facilmente à conclusão de que os hospitais mantidos por religiosos, estabelecimentos de ensino, casas de proteção à infância e à velhice desamparada e pobre, que tenham bens imóveis alugados, podem requerer à prefeitura municipal, o arbitramento do aluguel, na forma do Art. 25 do Decreto-Lei 9.669 de 29 de Agosto de 1946, que diz:

ART. 25 DO DECRETO-LEI 9.669 DE 29-8-46

Art. 25: — «O arbitramento cabe às autoridades municipais, na forma que o prefeito determinar».

Entretanto, é o próprio Decreto-Lei 9.669, que no seu Art. 6, dá as normas de como se deve fazer o arbitramento, levando em conta o prédio, sua situação e seu estado de conservação. Vejamos o que diz o Art. 6:

Art. 6: — «O arbitramento do aluguel do prédio, far-se-á atendendo:

I — ao preço da aquisição do imóvel, da construção ou reconstrução;

II — à situação, estado de conservação e segurança;

III — aos aluguéis de prédios em condições análogas.»

Posteriormente, a Lei 1.300 de 28 de Dezembro de 1950, fala em arbitramento de aluguel, porém, não diz como deve ser o mesmo levado a efeito. Entretanto, é jurídico, também, o pedido judicial de arbitramento, o qual deve ser requerido ao Juiz da comarca que nomeará perito para tanto.

Devemos levar em conta que as locações comerciais, a par da legislação transcrita, devem ser consideradas em face à Lei 24.150 de 20 de Abril de 1934.

Esclarecido quanto à legislação, procuremos enquadrar as instituições religiosas no âmbito legal, ou seja, do Art. 7 da Lei 2.699 de 28 de Dezembro de 1955.

Ora, quase em sua totalidade, as instituições religiosas, principalmente hospitalares, estão incluídas neste rol, de vez que os seus directores não são remunerados; que seus rendimentos ou proventos são para manutenção do hospital, inclusive as rendas imobiliárias, se torna evidente que tal organização, não tem objetivo de lucro em favor de seus associados.

Assim, também, os colégios e demais instituições de caridade chefiadas e dirigidas por religiosos.

A lei em questão, dá amplos direitos a tais instituições, inclusive o de adaptar os seus estatutos ou atos constitutivos, às prescrições, para que possam gozar de tais benefícios.

Cabe-me, porém, lembrar a todos os religiosos do Brasil, que o Padre IRINEU LEOPOLDINO DE SOUZA, Secretário da CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL, vem desenvolvendo um trabalho exaustivo, no sentido de orientar e cuidar dos interesses dos religiosos do nosso país, dentro de uma organização rigorosamente orientada, nos seus mínimos detalhes, trabalho que me encantou, forçando-me a colaborar com tão prestigiosa organização, que está cogitando da consolidação do Departamento Jurídico, possibilitando, assim, a defesa dos direitos dos religiosos em qualquer setor do ramo Jurídico.

Aquêles que ainda não conhecem a Conferência dos Religiosos do Brasil, procurem conhecê-la, pois o entusiasmo de que sou possuidor, também, por certo, tomará conta de todos que tiverem conhecimento do que conseguiu o Padre Irineu Leopoldino de Souza.

Este comentário rápido da lei 2.699, é o meu primeiro trabalho, mas prometo, a mim mesmo e à Conferência dos Religiosos do Brasil, voltar a contribuir com o meu modesto conhecimento para o brilho da Conferência e para a minha satisfação.

Rio de Janeiro, 4 de Maio de 1956

Fernando Petronilho Caldas

Insc. na O.A.B. sob nº 3.201

Do Departamento Jurídico da C.R.B.

TERRITÓRIO DO ACRE

- 1 — Alto Juruá (P) — Dominicanas de Santa Madalena-Madre Adelgundis — C.P.28 — Cruzeiro do Sul.
- 2 — S. Peregrino Laziozi (P) —

ALAGOAS

- 1 — Maceió — Irs. Pôbres Sta. Catarina de Sena — Ir. Gladys Andrade Correia — R. Fernandes de Barros, 161
- 2 — Penedo — Irs. Franciscanas Hospitaleiras — Ir Maria do Espirito Santo — Pr. Jácome Calheiros, 117

TERRITÓRIO DO AMAPÁ

- 1 — Macapá (P) — Irs. Caridade Stas. Capitania — V. Gerosa — Ir. Celina Guerini — Esc. Dom. de Macapá

AMAZONAS

- 1 — Alto Solimões — (P) —
- 2 — Labrea (P) — Agostinianas Recoletas Mis. de Maria — Sor. Maria Angelis de S. José
- 3 — Manaus — Irmãs Adoradoras do Prec. Sangue — Ir. Maria Dorotéia — C.P.385 — Av. João Coelho
- 4 — Parintins (P) — (não há Congregação religiosa nesta Prelazia)
- 5 — Rio Negro (P) — Filhas de Maria Auxiliadora — Ir. Emma Guidotto — Missão Sag. Caração de Jesus — Taracuá
- 6 — Tefé (P) — Franciscanas Mis. de Maria — Madre Maria de Sta. Eucaire — R. Pres. G. Vargas, 93

BAHIA

- 1 — Amargosa — Irs. SSmo. Sacramento — Madre Superiora — R. Duque de Caxias, 10
- 2 — Barra do Rio Grande — Mis. da Imac. Conceição — Ir Maria Bernadete Castro — Pr. da Bandeira, 9
- 3 — Bonfim
- 4 — Caitité
- 5 — Ilhéus
- 6 — Salvador — U. Romana Sta. Úrsula — Madre Xavier — Av. 7 de Setembro — Colégio N.^a S.^a das Mercês

CEARÁ

- 1 — Crato — Filhas de Sta. Teresa de Jesus — Ir. Maria Peixoto — R. D. Quintino, 21 — C.P. 6
- 2 — Fortaleza — Mis. Jesus Crucificado — Madre Clotilde Maria — Av. Rui Barbosa, 246
- 3 — Limoeiro do Norte —
- 4 — Sobral — Filhas de Santana — Sor Ana Leonilda Ximenes Aguiar — R. Senador Paula, 696

ESPÍRITO SANTO

- 1 — Espírito Santo

GOLÁS

- 1 — Goiás — Irmã Margarida Maria — Mis. Jesus Crucificado — Rua 95, n.º 8 setor Sul — Casa N.ª S.ª Assunção — Goiânia.
- 2 — Jataí — (P)
- 3 — Pôrto Nacional — Dominicanas de N.ª S.ª do Rosário — Madre Nelly — Esc. Normal S. C. de Jesus.
- 4 — Santana da Ilha do Bananal —
- 5 — São José do Alto Tocantins —
- 6 — Tocantinópolis (P)

MARANHÃO

- 1 — Balsas —
- 2 — Caxias —
- 3 — Pinheiro (P) — Filhas de N.ª S.ª do Sag. Coração — Madre Maria Dolores — Av. Senador Vitorino Freire
- 4 — São José do Grajaú — Ter. Cap. de São Francisco de Assis — Rua José Patrocínio Jorge Ir. Júlia Maria de Barra da Corda
- 2 — S. Luiz — Mis. Jesus Crucificado — Ir. Zely Maria — R. da Independência, 366 — C. P. 297

MATO GROSSO

- 1 — Corumbá —
- 2 — Cuiabá — Filhas de Maria Auxiliadora — Ir. Francisca Silveira Barroso — Rua Comandante Costa, 1384
- 3 — Diamantino —
- 4 — Registro do Araguaia —
- 5 — Santana da Chapada (P) — Irs. Franc. Ter. Ordem Seráfica — Ir. Maria Izabel — Educ. S. José
- 6 — São Luiz de Cáceres —

MINAS GERAIS

- 1 — Araçuaí —
- 2 — Aterrado — Filhas de Caridade — Ir. Oliveira — R. N.ª S.ª de Fátima, 201 — Casa S. Rafael.
- 3 — Belo Horizonte — Clarissas Franc. Mis. SSmo. Sacramento — Ir. Maria Ester — Av. Catalão
- 4 — Campanha — Norte Dame de Sion — Madre Maria Alphonsa de Sion — Rua Pe. Natuzzi
- 5 — Caratinga —
- 6 — Diamantina —
- 7 — Guaxupé — Mis. Jesus Crucificado — Madre Adelaide — Rua Ismêria Cândida — C. P. 66
- 8 — Juiz de Fora —
- 9 — Leopoldina —
- 10 — Mariana —
- 11 — Montes Claros — Sag. Cor. Maria — Ir. Maria de Lourdes — R. Cel. Prates, 276 — C. P. — 83
- 12 — Oliveira — Irmãs Escolápias — Madre Maria Cruz Joy — Pr. Dr. José Ribeiro, 25

- 13 — Paracatu — Irs. Carmelitas Mis. Sta. Tereza M. Jesus — Ir. Maria Inês Giunta — Rua Rio Grande do Sul.
- 14 — Patos de Minas — Irs. N.^a S.^a do SSmo. Sacramento — Gin. Esc. Normal N.^a S.^a das Graças C. P. — 4
- 15 — Pouso Alegre — Mis. Jesus Crucificado — Rua Afonso Pena, 304
- 16 — Sete Lagoas —
- 17 — Uberaba —
- 18 — Governador Valadares —

PARÁ

- 1 — Belém — Santa Dorotêia — Madre Francisca Wanderley — Pr. D. Macedo Costa — Colégio Sto Antônio
- 2 — Cametá — (P)
- 3 — Guamá (P)
- 4 — Marajó (P) —
- 5 — Santarem (P) — Irs. Mis Im. Conceição — Ir. M. Felicitas Rautenberg — R. S. Sebastião, 797
- 6 — SSma. Conc. Araguaia —
- 7 — Xingu —

PARAÍBA

- 1 — Cajazeiras — Santa Dorotêia — Madre Noemí Gonçalves Guerra — R. Ana de Albuquerque
- 2 — Campina Grande —
- 3 — Paraíba do Norte — Imac. Conc. N.^a S.^a de Lourdes — Madre Maria Inês — R. Eptácio Pessoa, 208

PARANÁ

- 1 — Curitiba — Nossa Senhora de Sion — Secretária do Colégio Sion — R. Pres. Taunay, 260
- 2 — Foz do Iguassu (P) —
- 5 — Jacarezinho —
- 4 — Palmas (P) —
- 5 — Ponta Grossa — Servas do Espírito Santo — Irmã Lamberciana — R. Pinheiro Machado, 189 CP. 102
- 6 — Maringá —
- 7 — Londrina —

PERNAMBUCO

- 1 — Caruaru — Benedictinas Mis. Tutzing — Madre Maria Paula Cordeiro Pires — R. Djalma Dutra
- 2 — Garanhuns —
- 3 — Nazaré da Mata — Damas da Instrução Cristã — Madre Alina — R. Cons. João Alfredo
- 4 — Olinda Recife —
- 5 — Pesqueira — Santa Dorotêia — Ir. Maria Helena Cavalcanti — Barão de Lucena — C. P. 18
- 6 — Petrolina — Filhas de Maria Auxiliadora — Ir. Maria Viana de Araujo — Pr. Maria Auxiliadora 24

PIAUI

- 1 — Oeiras — Filhas de Santa Teresa Jesus — Ir. Juliana Maria N. Leite — R. Benj. Constant
- 2 — Parnaíba —
- 3 — S. B. Jesus de Gurgueia —
- 4 — Terezinha — Mis. Jesus Crucificado — R. Benj. Constante, 1575 — Ir. Maria Demise

TERRITÓRIO RIO BRANCO

- 1 — Rio Branco (P) —

RIO GRANDE DO NORTE

- 1 — Caicó — Filhas do Amor Divino — Ir. Maria Andréa Abreu — P. Sta. Terezinha, 98
- 2 — Mossoró — Franc. Hosp. Port. — Madre Cândida de Maria Imaculada — Av. Augusto Severo, 158
- 3 — Natal — Filhas do Amor Divino — Madre Imaculada Widder — Pr. Pedro II, 1055

RIO GRANDE DO SUL

- 1 — Caxias do Sul — Mis. S. Carlos Barromeu — Ir. Claire de Jesus — R. Feijó Junior, 778
- 2 — N.^a S.^a Oliveira Vacaria (P) — S. José de Chambéry — Rua Pinheiro Machado, 332
- 3 — Passo Fundo — Irmãs de Nossa Senhora — Ir. Maria Teodora — Av. Brasil, 952 — C. P. 24
- 4 — Pelotas — Mis. Jesus Crucificado — Ir. Maria de Lourdes Ferreira — R. Uruguai, 551
- 5 — Pôrto Alegre — Mis. Jesus Crucificado — Ir. Enny Guarnieri — R. Mostardeiro, 215
- 6 — Santa Maria — Mis. Jesus Crucificado — Ir. Hilda de Maria — Rua Otavio Binato, 139
- 7 — Uruguaiana — Mis. Jesus Crucificado — Ir. Livia Maria Agostini — Rua 15 de Novembro, 1230

RIO DE JANEIRO

- 1 — Barra do Pirai — Irmãs Franc. Imac. Conceição — Ir. Maria Boaventura — R. Texeira do Andrade, 202
- 2 — Campos —
- 3 — Niteroi — Mis. Jesus Crucificado — Madre Aparecida Guimarães — R. Pres. Domiciano, 178
- 4 — Petrópolis — N. Senhora de Sion — Madre Marilda de Sion — R. Benj. Constante, 213
- 5 — Valença — Irmã da Divina Providência — Ir. Maria Assunta de Oliveira — R. D. André Arcoverde, 123

TERRITÓRIO DE RONDÔNIA

- 1 — Guajará-Mirim (P) —
- 2 — Pôrto Velho (P) — Filhas de Maria Auxiliadora — Ir. Maria Colombo — Hospital S. José

SANTA CATARINA

- 1 — Florianópolis — Irs. da Imaculada Conceição — Ir. Elmentrudes Maria — R. Esteves Júnior, 27
- 2 — Joiville — Filhas da Caridade — Irmã Pinho — R. São José, 144
- 3 — Lajes —
- 4 — Tubarão — Irmãs da Divina Providência — Madre Superiora — R. Vidal Ramos, 109

SÃO PAULO

- 1 — Assis — Filhas da Caridade — Ir. Regina Cavalcanti — R. 7 de Setembro, 60
- 2 — Botucatu — Miss. Jesus Crucificado — Ir. Amélia Lombelo — R. Fr. Luiz Santana, 215
- 3 — Bragança — Filhas de Jesus — Madre Maria da Paz Santamaria — R. C. João Lema, 304
- 4 — Campinas —
- 5 — Jaboticabal — Mis. Jesus Crucificado — Rua Misael de Campos, 160
- 6 — Lins —
- 7 — Lorena —
- 8 — Marília — Mis. Zel. Cor. Jesus — Ir. Maria Diomira Stival — Av. Spielmann, 700
- 9 — Piracicaba — Mis. Jesus Crucificado — Ir. Ursulina Botti — R. do Rosário, 1092
- 10 — Ribeirão Preto — Mis. Jesus Crucificado — R. Barão do Amazonas, 881
- 11 — Rio Preto — Rel. Santo André — Madre Maria Fernanda — R. Rubião Júnior, 3609
- 12 — Santo André — Filhas de Maria Auxiliadora — Ir. Ana Carrijo — R. Siqueira Campos, 483
- 13 — Santos — Con. Reg. Sto. Agostinho — Madre Maria Lucia — Av. Con. Nébias, 771
- 14 — São Carlos — Mis. Jesus Crucificado — Madre Dirce Maria — R. I.º de Maio, 2272
- 15 — São Paulo — N. Senhora de Sion — Madre Maria Joaquina — Av. Higienópolis, 901
- 16 — Sorocaba — Benedictinas Mis. de Tutzing — Madre Mônica Madureira — R. Souza Pereira, 330
- 17 — Taubaté — Mis. Jesus Crucificado — Ir. Teresinha Maria — R. Visc. Rio Branco, 436

SERGIPE

- 1 — Aracaju — Mis. Jesus Crucificado — Madre Juliana Horta — R. Itabaiana, 719.

CRÔNICA DOS RELIGIOSOS

Votos do Santo Padre para a Ordem de Santo Agostinho — Ocorrendo este ano o VII Centenário da Carta Apostólica com a qual Alexandre IV estabeleceu a união dos Religiosos Eremitas de Santo Agostinho, o Santo Padre o Papa Pio XII dirigiu uma carta gratulatória ao Prior Geral da mesma Ordem, na qual lembra os benefícios que esse acontecimento trouxe ao instituto e á

Igreja, consagrando homens dedicados à vida apostólica, tornando a Ordem “émula dos antigos esplendores e formando uma geração inclita e santa”. “Pela benevolência que temos para vós — exorta o Santo Padre — desejamos ardentemente que, para aumentar a glória de Jesus Cristo, vossa união vigore sempre sôbre bases sólidas e nunca vos prepareis, com languidez às empresas generosas da caridade prôvida”. E cita as palavras do Santo de Hipona: “A caridade faz o conjunto, o conjunto importa a unidade, a unidade conserva a caridade, a caridade chega à glória”.

SECÇÃO ESTADUAL DO RIO GRANDE DO NORTE — No dia 21 de Abril reuniram-se os Religiosos de Natal para eleger a primeira Diretoria da Secção Estadual, que ficou assim constituída: **Presidente:** Pe. Luiz Santiago de Araujo; **Secretário:** Irmão Paulo Berkmans; **Tesoureiro:** Frei Cipriano, Capuchinho; **Formação de Catequistas:** Madre Costa Freire; **Serviço de Enfermagem:** Superiora do Hospital Miguel Couto; **Serviço Social:** Madre Maria Auxiliadora, do Colégio das Neves. **Agentes de Estatística:** Irmã Maria Andrea Abreu, em Caicó; Madre Cândida de Maria Imaculada, em Mossoró; Madre Imaculada Widdor, em Natal.

SECÇÕES ESTADUAIS DO SUL — Em Abril o Secretário Geral da C.R.B. visitou as capitais do Norte e Nordeste, de Vitoria até Manaus, pelo litoral, iniciando a organização das secções Estaduais, onde ainda não estavam funcionando. Na primeira semana de Maio visitou as capitais do Sul, organizando as Secções Estaduais de Curitiba, Florianópolis e Pôrto Alegre. Para o Congresso de Julho, se Deus quiser, estarão organizadas as Secções em todos os Estados, com sede na Capital; além disto, nucleos locais se esboçam desde já, com a instalação do Serviço de Viagens em muitas cidades do interior, onde há grupos mais ou menos numerosos de comunidades religiosas. O Congresso, consolidando esta organização e difusão do movimento de atualização e organização, lhe abrirá novos horizontes, proporcionando uma união sempre mais fraterna e mais frutuosa entre os religiosos.

UMA EXPLICAÇÃO

Nossa revista tem circulado, graças a Deus, com bastante regularidade. No dia 25 de cada mês chegam os exemplares ao nosso serviço de expedição. Um ou dois dias para os trabalhos de embalagem e despacho postal, e antes do dia primeiro já está circulando. Não fossem os elevados preços dos despachos aéreos, e no dia 1.º de cada mês poderia ser recebida, de Manaus a Pôrto Alegre. Como informamos verbalmente em nossas reuniões, iniciando a organização das secções estaduais, nossa Revista sai pontualmente do Rio de Janeiro. Se chega pontualmente aos leitores, é outro problema, cuja responsabilidade não é nossa mas dos serviços postais.

Tem acontecido que um ou outro assinante, ou mesmo vários, deixam de receber um ou outro número. Isto acontece quase sempre com os assinantes novos, ou com os que renovam com atraso suas assinaturas. A razão é a seguinte.

Não conseguimos exatidão e pontualidade nos serviços de endereçamento mecânico addressograph, que usamos para expedição dos exemplares. Não por responsabilidade da nossa expedição, mas por ineficiência da firma comercial com que, por diversos motivos, somos ainda obrigados a trabalhar no Rio de

Janeiro. É a CASEL S.A. que grava para nós os endereços metálicos addressograph. E até hoje ainda não conseguimos regularidade nem eficiência neste serviço, que não depende de nós. O fichario addressograph é a cruz cotidiana dos serviços da C.R.B. em nossa sede central.

Relevem-nos portanto os assinantes os defeitos porventura constatados. E se por acaso não receberam algum exemplar, queiram nos comunicar, que imediatamente faremos a remessa.

DO SERVIÇO DE PROCURATÓRIOS

No mês de junho o Ministério da Educação e Cultura começou a pagar assubvenções ordinárias do corrente ano. Foram liberados também na mesma ocasião, cêrca de vinte mil contos, para pagamento de subvenções extraordinárias de 1956.

O Conselho Nacional de Serviço Social efetúa os pagamentos rigorosamente de acôrdo com a ordem cronológica de entrada dos processos. É um critério mais do que razoável, em cuja manutenção e observância nós mesmos somos os primeiros interessados.

Não se recebe a subvenção ordinária dêste ano, se não se tiver prestado contas das verbas já recebidas no ano passado. Como também não é possível receber as verbas extraordinárias, sem os documentos de habilitação.

Nosso Serviço de Procuradoria solicitou êstes documentos, desde a segunda semana de Janeiro passado, e desde o começo encarecemos a necessidade de mandar quanto antes os papéis, para não atrasar o recebimento. Os que foram mais solícitos, começarão a receber suas subvenções, já neste primeiro semestre.

NOVAS FUNDAÇÕES

PRESIDENTE GETÚLIO — Santa Catarina — Município do interior do Estado, na Diocese de Joinville, com um Hospital de 70 leitos, propriedade da Diocese. Sua Excia. Revma. o Sr Bispo Diocesano deseja entregá-lo a uma congregação de irmãs, como usufruto perpétuo. Terreno grande. Habitação das Irmãs no conjunto do hospital, com capela própria. O vigário da paróquia presta a assistência espiritual. A região é de colonização alemã, polonesa e italiana. Muito boa para o cultivo de vocações.

Ubá, Minas gerais — Deseja-se uma Congregação Religiosa feminina para o Sanatório Pe. Damião, localizado em Ubá. É um leprosário. Há Capelão Religioso lá residente. O Govêrno do Estado está na disposição de passar o Sanatório para Religiosas.

Amargosa, Bahia — O Bispo Diocesano pede alguma Ordem ou Congregação Religiosa que queira tomar conta de uma Paróquia, estando

disposto a fazer a entrega da mesma à Ordem, «ad nutum Sanctae Sedis».

Caratinga, Minas Gerais — Há urgente necessidade de uma Congregação Religiosa de Padres ou Irmãs para tomar conta do Patronato N. S. do Rosário. O Vigário está pronto a passar a propriedade do Patronato à Congregação que aceitar.

BIBLIOGRAFIA

Departamento de Catecismo da
C.R.B.

Temos o prazer de apresentar o pequeno livro "Minhas confissões", uma publicação recente do Departamento de Catecismo da C.R.B., que aparecerá brevemente em 2.^a edição.

O livrinho "Minhas confissões", cuja 1.^a edição se encontra quase esgotada, contém as noções elementares, porém muito vivas sobre a maneira de fazer o exame de consciência e de confessar-se, abrangendo os três pontos essenciais da vida espiritual: deveres para com Deus, deveres para com o próximo e deveres para com nós mesmos.

Considerando de modo especial o nível de crianças e adolescentes na iniciação à vida cristã, "Minhas Confissões" ajuda-os não somente na prática dos sacramentos da Penitência, e da Eucaristia, mas forma ainda sua consciência, tornando-a mais de-

licada; ensina-lhes também a fazer da Confissão, além de um meio de apagar os pecados, um caminho para a perfeição adaptada à sua idade.

Disse um confessor experimentado: "as alunas que durante um ano têm se guiado por "Minhas confissões", se fazem notar pelo aproveitamento na prática deste sacramento".

É mister ressaltar ainda que as orações estão de acôrdo com as últimas exigências da arquidiocese, publicadas pelo Cardeal D. Jaime de Barros Câmara.

De apresentação agradável e fácil leitura, capa cartolina de côr, contendo oito páginas ao todo.

É indispensável a seus alunos.

O Departamento de Catecismo da C.R.B., atendendo a inúmeros pedidos, está estudando o texto de um novo livrinho: uma adaptação de "Minhas Confissões" aos problemas da mocidade.

LIVROS RECEBIDOS

Modesto Rezende de Taubaté (Pe. Frei), O.F.M.Cap., NA ESCOLA DAS MISSÕES — Editora Anais Franciscanos, São Paulo 1955. 135x175, 88 pp.

BIOGRAFIA DA IRMÃ MARIA CATARINA DE SANTA ROSA DE VITERBO, Fundadora da Congregação das Irmãs Franciscanas Missionárias do Coração Imaculado de Maria (ex Missionárias do Egito). Versão portuguesa do Fascículo "Fiori di Cielo" N.º 132, por uma Religiosa da mesma Congregação — Casa Pindorama, Amparo 1955. 110 x 165, 44 pp.

Dom Frei Henrique Golland Trindade, O.F.M., Bispo de Botucatu, A RECRISTIANIZAÇÃO DA FAMÍLIA, sexta Pastoral — Editora Vozes Ltda., Petrópolis 1955. 160 x 225, 24 pp.

GUIA DA C.M.E., (História e Organização) — Publicação do Secretariado da C.M.E., São Paulo (Santo Amaro) — 1956 — 115 x 155 mm, 80 pp.